



APOIO

Prefeituras Municipais de Marechal Deodoro, Penedo, Piranhas,
Secretarias Municipais de Turismo e Cultura.



APL de Turismo
Caminhos do São Francisco



PARCEIROS

Secretaria de Estado
da Cultura



PATROCÍNIO

Banco Interamericano
de Desenvolvimento

MONUMENTA

Ministério
da Cultura



REALIZAÇÃO



Mapeamento Cultural | *Cidades Históricas* | Marechal Deodoro, Penedo e Piranhas

Mapeamento Cultural

Cidades Históricas

Marechal Deodoro, Penedo e Piranhas *caminhos turísticos de Alagoas*



Alagoas - 2009

Mapeamento Cultural

Cidades Históricas

Marechal Deodoro, Penedo e Piranhas
caminhos turísticos de Alagoas



FICHA TÉCNICA

Presidente da República do Brasil

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro do Estado da Cultura

João Luiz Silva Ferreira

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Coordenador Nacional do Programa Monumenta

Luiz Fernando de Almeida

Coordenação de Atividades Concorrentes - Monumenta/Minc

Estevan Pardi

Governador do Estado de Alagoas

Teotônio Brandão Vilela Filho

Vice Governador do Estado de Alagoas

José Wanderley Neto

Fundação Universitária de Desenvolvimento de Extensão e Pesquisa - FUNDEPES

Diretor Presidente - Roberto Jorge Vasconcelos dos Santos

Vice-Presidente - José Medeiros

Coordenação Técnica de Projetos - Aline de Góes Lima Amaral

Supervisão Departamento de Desenvolvimento de Programas e Projetos - Milena Brito Pinheiro

Consultora de Projetos - DyaCy Maria de Farias Moreira

Secretaria de Estado do Turismo

Secretário de Estado do Turismo - Virgínio José Ferreira Loureiro

Secretária Adjunta de Estado do Turismo - Danielle Govas Pimenta Novis

Superintendência de Desenvolvimento: Raquel Tenório

Superintendência de Marketing - Paulo Roberto Kugelmas

Superintendência de Investimentos - Marcos Vital

Superintendência do PRODETUR - Simpne Bentes

Desenvolvimento de Produtos

Diretoria de Destinos e Produtos - Jair Galvão

Diretoria de Segmentação - Jannyne Barbosa

Diretoria de Promoção de Capacitação e Qualificação - Renato Lucas de Lima Lôbo

Elaboração do Projeto

Renato Lucas de Lima Lôbo

Coordenação Técnica do Projeto

Alyne Vieira Silva - FUNDEPES

Danielle Govas Pimenta Novis - SETUR/AL

Renato Lucas de Lima Lôbo - SETUR/AL

Equipe Técnica Secretaria de Estado do Turismo - Departamento de Produtos

Adaelson Vilela

Deucila Vanja

Melry Sherly Bezerra

Renato Lucas de Lima Lôbo

Sandra Maria dos Santos Gomes

Sandra Lopes Villanova Mendonça

Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas em Alagoas - SEBRAE/AL

Superintendência - Marcos Antônio da Rocha Vieira

Diretora Técnica - Renata Fonseca de G. Pereira

Diretor Administrativo Financeiro - José Roberval Cabral da Silva Gomes

Gerente da Unidade de Turismo Artesanato e Cultura

Carla Fragoso de Paiva Lima - Até dezembro de 2008

Vanessa Rocha - A partir de 2009

Equipe Técnica

Jacqueline Martins

Ana Madalena Sandes

Ana Cristina Moreira

Gestores do Arranjo Produtivo Local de Turismo em Alagoas (2008/2009)

Carolina Heemann - Região das Lagoas e Mares do Sul

Meraldo Rocha - Caminhos do São Francisco

Mapeamento/Levantamento do Patrimônio Cultural (material e imaterial), elementos e representações culturais dos municípios de Marechal Deodoro, Penedo e Piranhas

Pesquisa e Texto

Bruno César Cavalcanti

Cármem Lúcia Dantas

Rachel Rocha de Almeida Barros

Textos e Audios Institucional

Deucila Vanja

Projeto Gráfico

Kadu Mendes / Luciano Amancio - Antares Comunicação

Diagramação

Kadu Mendes - Antares Comunicação

Impressão

Grafmarques

Fotos

Chico Brandão

Arquivo Setur

Rachel Rocha (pag. 63)

Ricardo Ledo (pag. 52)

Filmagem

Video Machine



Sumário

FALA DO GOVERNADOR DO ESTADO	08
CONSTRUINDO PARCERIAS EM PRÓL DO DESENVOLVIMENTO DE ALAGOAS	09
FOMENTO AO EMPREENDEDORISMO CULTURAL	10
APRESENTAÇÃO	11
MARECHAL DEODORO, PENEDO, PIRANHAS - caminhos turísticos de Alagoas	12
I. MARECHAL DEODORO	16
II. PENEDO	36
III. PIRANHAS	56
ROTAS DAS ÁGUAS	
Circuito dos Monumentos Históricos e Arquitetônicos	74
Rota de Festas e Celebrações	75
Roteiro Gastronômico	76
Passeios Lagunares, Marítimos e Fluviais	77
ANEXOS	80



FALA DO GOVERNADOR DO ESTADO

O governo de Alagoas está empenhado em desenvolver o turismo como instrumento de crescimento econômico e cultural. Para isso, não temos poupado esforços no sentido de preservar, cuidar, zelar e resgatar o patrimônio histórico e o acervo cultural, espalhados em cada canto deste Estado, registrando no tempo a participação da origem e da presença do alagoano na escrita de um Brasil mais culto e mais democrático.

Na escala de alagoanos que deram uma grande contribuição à história política e social do Brasil, temos Zumbi dos Palmares, com a sua saga pela liberdade dos negros e pela cidadania de todos; Floriano Peixoto e Deodoro da Fonseca na conquista da República brasileira; Graciliano Ramos, nosso imortal Mestre Graça, escritor, intelectual e exemplo de probidade administrativa; o Menestrel das Alagoas, senador Teotônio Brandão Vilela, que enfrentou com a sua coragem cívica o autoritarismo

dos governos militares; entre os contemporâneos, citamos a jogadora Marta e o seu brilhantismo em campo; a musicalidade de Djavan, a criatividade de Cacá Diégues, entre tantos.

De modo que, é louvável a iniciativa da Secretaria de Estado do Turismo em lançar este mapeamento cultural, revelando cada ponto que deve e merece ser visitado em Alagoas, de forma a valorizar a origem e a história do nosso povo, somado ao cenário das praias mais bonitas do Brasil, a uma gastronomia diferenciada no sabor e na originalidade; à hospitalidade de um povo generoso, solidário, trabalhador e receptivo.

Parabéns à equipe da Secretaria de Estado do Turismo pelo trabalho; nossas boas vindas a todos que estão conhecendo ou revisitando, nesta leitura, a rica cultura das Alagoas.

Governador Teotônio Vilela Filho



CONSTRUINDO PARCERIAS EM PRÓL DO DESENVOLVIMENTO DE ALAGOAS

O presente catálogo tem como objetivo promover o turismo histórico cultural de Marechal Deodoro, Penedo e Piranhas, três importantes municípios da região sul do estado de Alagoas.

Fazer parte desta parceria é de fundamental importância para o papel da Fundação Universitária de Desenvolvimento de Extensão e Pesquisa - Fundepes, baseada na sua missão de “Contribuir para o desenvolvimento do estado de Alagoas, por meio da excelência em gestão de projetos, com base na ética e na responsabilidade social, em parcerias com instituições públicas e privadas”.

Neste contexto, a consolidação de parcerias torna-se estratégia-chave para a implementação de ações conjuntas, com fins públicos e resultados efetivos. Muitos são os desafios que se apresentam, tornando necessárias reflexão e ação em torno das competências num processo de gestão social, dado o atual cenário em que as relações entre Estado, mercado e sociedade civil estão sendo revisadas.

O projeto Mapeamento Cultural de Marechal Deodoro, Penedo e Piranhas é um exemplo de que parcerias são saudáveis e indispensáveis, exemplo de que a união de esforços de atores locais pode render bons frutos para a

consolidação do setor turístico alagoano, fomentando a produção cultural, fortalecendo heranças culturais, geração de emprego e renda e o desenvolvimento local.

É importante destacar que a participação efetiva da comunidade ao identificar e escolher os principais ícones culturais e os patrimônios históricos, materiais e imateriais da sua região para fazer parte deste catálogo, trouxe autenticidade e um pouquinho do sentimento popular de cordialidade e hospitalidade que cada município carrega por meio dos seus moradores, valorizando os roteiros turísticos e fortalecendo as raízes culturais locais.

A Fundepes agradece o apoio e a colaboração dos seus parceiros, em especial o apoio do Programa Monumenta/ IPHAN/ UNESCO, pois o financiamento desta proposta foi vital e indispensável para a sua realização, e os convida a conhecer parte de uma região alagoana, através de um breve passeio entre palavras e imagens, desejando que este catálogo cultural seja um roteiro obrigatório ao conhecer e visitar o estado de Alagoas.

Fundação Universitária de Desenvolvimento de Extensão e Pesquisa.





FOMENTO AO EMPREENDEDORISMO CULTURAL

Conhecer e valorizar a cultura das comunidades que fazem nosso Estado, com preservação de seus símbolos e ícones, é condição essencial para o fortalecimento e realce da identidade local, marca permanente da produção cultural de qualidade, um dos pilares de desenvolvimento e sustentabilidade do turismo, por sua vez, fonte de oportunidades e negócios.

Mas ao falar de cultura não podemos nos restringir aos seus aspectos antropológico e social. Seu papel na economia cresce a passos largos, constituindo um setor estratégico de desenvolvimento. A Economia da Cultura já é responsável por 7% do PIB global, segundo estimativa do Banco Mundial.

Por isso, indiscutivelmente, as variadas formas de expressão cultural representam uma das principais riquezas do Brasil.

No que tange a nossa missão - promover a competitividade e o desenvolvimento sustentável das micro e pequenas empresas e fomentar o empreendedorismo – compreendemos a cultura como esse vetor de desenvolvimento e Alagoas representa um celeiro de oportunidades. Possuímos um conjunto de recursos, como uma riqueza de ativos únicos, que precisam ser

mobilizados e transformados em empreendimentos sustentáveis. Segundo a Pesquisa de Informações Básicas Municipais – Cultura, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nos 102 municípios alagoanos há existência de grupos artísticos. Entretanto, até 2006 apenas 928 pessoas atuavam no mercado de maneira formal, o que evidencia a necessidade de estimularmos e investirmos na “Economia da Cultura”.

Essa cultura que se expressa em pequenas comunidades ribeirinhas, nas cidades do litoral ou nos vilarejos do Sertão, representa acima de tudo uma oportunidade de transformar a realidade local, por meio da geração de ocupação e renda para milhares de alagoanos.

Esse é o nosso desafio e compromisso! Não apenas entender a “Economia da Cultura”, mas trabalhar para fazer da cultura uma atividade capaz de contribuir para o crescimento do Estado, profissionalizando e qualificando os pequenos negócios do setor.

Marcos Antônio da Rocha Vieira

Superintendente do Sebrae em Alagoas

APRESENTAÇÃO

O presente catálogo aborda três importantes municípios da parte Sul de Alagoas, Marechal Deodoro, Penedo e Piranhas, seguindo os objetivos da Secretaria de Estado do Turismo de dotar os agentes, os nossos visitantes, e a população em geral, de um conjunto de informações capazes de reforçar, particularmente nos agentes públicos e privados do setor, a tarefa de criar e gerir uma maior atratividade sobre o turismo cultural e histórico nessas cidades, importantes localidades com imenso potencial a ser mais racional e plenamente desenvolvido, de forma sustentável nos aspectos econômicos, sociais e ambientais.

Em uma época marcada pela globalização dos mercados e valorização das identidades culturais locais, a chamada economia da experiência – tendência que redefine a natureza do interesse dos viajantes sobre as localidades visitadas, sugerindo a busca da intimidade e naturalidade dos contatos entre estrangeiros e locais – pode aqui encontrar excelentes oportunidades. Para acompanhar essa tendência mundial do turismo, a organização e a sofisticação das informações históricas e socioculturais disponibilizadas tornam-se elementos indispensáveis para o marketing territorial e a segmentação de roteiros turísticos voltados a destinos e grupos específicos de turistas.

Além da sabida e divulgada beleza natural de Alagoas, explorada por um turismo de “Sol e Mar”, uma melhor caracterização histórico-cultural dos destinos turísticos do Estado visa alargar o conhecimento sobre as vocações dessas cidades, que se estendem para além das belezas naturais, e informar mais detalhadamente aos agentes do turismo acerca do rico patrimônio cultural do passado e as características contemporâneas dos municípios e de sua gente.

A Secretaria de Estado do Turismo espera que o leitor reconheça a singularidade desses municípios que nos convidam a um encontro com o Brasil profundo, ou seja, com as marcas do passado colonial brasileiro, suas formas culturais materiais ou imateriais, seus eventos históricos marcantes, seus conjuntos arquitetônicos e lugares de alto valor simbólico, suas artes manuais, fortes atrativos de Marechal Deodoro, Penedo e Piranhas.

No levantamento de dados considerou-se a opinião dos habitantes das três cidades, que elegeram alguns ícones que reconhecem como representativos; sendo acrescentado ainda um ícone cultural por município, considerado como relevante para compor um quadro referencial dos núcleos coloniais de Alagoas.



MARECHAL DEODORO, PENEDO, PIRANHAS CAMINHOS TURÍSTICOS DE ALAGOAS

Resultantes da antiga colonização costeira, as cidades alagoanas de Marechal Deodoro, Penedo e, mais tarde, Piranhas, compõem uma tríade representativa da formação social do Brasil, mantendo tradições seculares de nossa cultura nacional. As duas primeiras são reconhecidas como “cidades históricas” devido às formas de seu urbanismo, com o casario térreo da primeira e os sobrados portugueses da segunda que caracterizam o perfil arquitetônico das residências até os dias de hoje, além de outros monumentos imponentes e inúmeras igrejas barrocas existentes em ambas. Por outro lado, a pequena Piranhas, por suas características históricas e socioculturais, é um exemplar raro da civilização que se estabeleceu no intervalo entre o povoamento e urbanização da zona litorânea e o árido estilo de vida dos povoados sertanejos do Nordeste. Piranha, assim, se formou a partir da exploração dos currais em terras então distantes, à entrada do sertão, e para o qual o São Francisco serviu de via de acesso e defesa da área conquistada.

Até meados do século XIX, o desenvolvimento de Marechal Deodoro e de Penedo representou certo ápice da empresa colonial portuguesa no território que se tornaria o Estado de Alagoas, dado a força de suas economias baseadas na produção do açúcar, na criação do gado e no comércio de gêneros para os núcleos rurais. Na fisionomia e morfologia dessas cidades, com seus monumentos arquitetônicos simbolizando a riqueza alcançada no passado, pode-se aferir a importância econômica e política desses antigos núcleos. Piranhas, por seu turno, também expressa o caráter expansionista daqueles tempos, uma vez que servira de ponto de embarque e de desembarque de gêneros necessários à fixação do homem nos domínios incorporados ao projeto da sociedade colonial e imperial portuguesa, servindo aos

intentos da criação rebanhos resistentes ao clima mais penoso das terras sertanejas, caracterizando o que se chamaria de civilização do couro, mas também como entreposto para o escoamento da produção agrícola.

Tudo isso podemos observar através dos elementos da história, da cultura e organização social de cada uma dessas três cidades, que guardam a particularidade de terem sido erigidas em pontos elevados, estrategicamente escolhidos para a finalidade de perpetuarem a colonização das terras. Portanto, trata-se de núcleos civilizacionais irradiadores da antiga capitania de Pernambuco. Marechal Deodoro e Penedo foram povoados de defesa do território, fundadas há alguns quilômetros do mar para melhor controle das terras, assim como se dera ao Norte com o arraial de Porto Calvo, recuado estrategicamente do litoral. Piranhas, por sua vez, e sendo um núcleo mais tardio, tem em sua localização verticalizada, numa forma de vigília sobre a navegação no grande rio, localizada que está no limite navegável da rota que subia desde Penedo e além. O fato é que, como dito, todas elas são marcadamente relevantes para o modelo de ocupação que se desenvolveu desde o século XVI, quer por razões militares quer, por outro lado, pelo uso das águas como via de transporte e motor de produção para os engenhos de açúcar.

As três cidades são caracterizadas pela existência de ladeiras que interligam dois planos distintos do traçado urbano, oferecendo aos residentes e visitantes a contemplação de suas paisagens exuberantes e emolduradas pelas águas. Em um território em que a abundância das águas nomeia o próprio Estado, Alagoas, as cidades desse roteiro são tributárias da presença das águas do rio São Francisco – banhando Penedo e Piranhas - e da lagoa Manguaba - à margem da qual está Marechal Deodoro, a mais próxima do mar.

O papel civilizador das águas esteve diretamente ligado às formas de escoamento da produção e de reabastecimento de gêneros estrangeiros, e foi uma característica estruturante para a importância assumida por essas cidades nas áreas em que se estabeleceram: Marechal Deodoro, recebendo a produção e abastecendo com gêneros as povoações situadas nos vales de rios como o Mundaú, o Paraíba e o São Miguel; e Penedo e Piranhas valendo-se do São Francisco para abastecerem povoados e vilas a montante e a jusante de seus núcleos urbanos. Além de canais de transporte, as águas geraram a economia da pesca artesanal, da construção de embarcações, as vocações da cultura gastronômica e das pequenas lavouras de subsistência das populações pouco a pouco fixadas em seu entorno.

Nesse cenário aquático, ainda outras características se destacam: a poesia e a musicalidade populares, tão evidentes nas filarmônicas ou nos “ternos de zabumba”, as conhecidas bandas de pifanos (popularmente também chamadas de Esquentá-Muié) de Marechal Deodoro, Piranhas e de Penedo, a literatura oral, o imaginário fantástico das narrativas ribeirinhas e a manifestação de seus folguedos (chegança, marujada, reisado, pastoril etc.). Também uma grande riqueza de tipos de pesca e de artefatos associados a esse ofício tradicionalmente vital no cotidiano dessas populações. Igualmente relacionado ao universo das águas há um amplo conjunto de manualidades de diferentes técnicas artesanais, como a doçaria de antigas receitas dos tempos dos engenhos de açúcar, a cerâmica utilitária, a escultura em madeira, a fabricação de instrumentos musicais, os diferentes de tipos de bordados etc.

Novas possibilidades para o turismo vão se estabelecendo no percurso dessas três cidades, através da modernização

de estradas, da realização de competições esportivas de expressão nacional e regional, de eventos festivos e artísticos regulares e outros, que alimentam oportunidades sociais de negócios, a exemplo de hotéis e pousadas que vêm se estabelecendo na região. As localizações das cidades são, cada uma à sua maneira, bastante privilegiadas. De cada uma delas é possível explorar seu entorno, seus municípios vizinhos com os quais dividem o desfrute dos atrativos. Assim, o visitante de Marechal Deodoro pode percorrer todo o complexo lagunar Mundaú-Manguaba, estender-se à capital do Estado Barra de São Miguel em poucos minutos. De Penedo se chega facilmente aos recantos da foz do São Francisco, por água ou por terra, ao Peba, Piaçabuçu, Várzea da Marituba, o povoado de Pixain, às dunas ou às ilhas do grande rio. Em Piranhas, uma ponte há poucos quilômetros proporciona uma excursão ao vizinho Sergipe, ao museu arqueológico da usina de Xingó, à Grota de Angicos onde tombou Lampião, e subindo o curso do rio atinge-se o lago de Xingó e o maravilhoso canyon sanfranciscano com seus cerca de 60 km navegáveis. O turismo de aventura e de esportes radicais, os ralis e o ecoturismo são vertentes que começam a despontar como enormes possibilidades da região Sul de Alagoas, aqui chamada de rota das águas, mas que obrigatoriamente deve ser concebida na necessária abrangência para incluir a obra do homem, suas formas culturais e trajetórias históricas tão expressivas.

Bom passeio por esses nichos alagoanos de Brasil profundo!



Mapeamento Cultural

Cidades Históricas



Marechal Deodoro



MARECHAL DEODORO

O município de Marechal Deodoro possui cerca de 46 mil habitantes (IBGE, 2008) e uma área de 363 km², localizando-se a 28 km de Maceió. A partir da capital, pode-se chegar até a antiga capital de Alagoas pelas rodovias AL-101 Sul, AL 215 e BR-101. Com seu núcleo urbano localizado à margem direita da lagoa Manguaba, pode-se também partir de Marechal Deodoro para Maceió pelo canal que liga esta lagoa à outra grande lagoa daquela região - a Mundaú.

De clima tropical, sua sede localiza-se na variação em 5 e 31 metros de altitude acima do nível do mar. Seu território atual faz fronteira com os municípios de Satuba, Pilar, São Miguel dos Campos, Santa Luzia do Norte e Coqueiro Seco.

Marechal Deodoro foi a primeira capital da então província de Alagoas, elevada a esta condição em 1817, ano em que a Comarca de Alagoas se separa da Capitania de Pernambuco da qual era sua parte Sul em evento cuja participação alagoana é controversa. Juntamente com Porto Calvo ao Norte e Penedo ao Sul, Marechal Deodoro, ao Sudeste, representa o início da efetiva povoação e urbanização do território.

Mas sua constituição enquanto povoamento é bastante anterior ao movimento separatista pernambucano, sendo assinalada através de uma escritura ainda em 1591. Em 1611, o povoado é alçado à condição de Vila, quando recebe o nome de Madalena de Sumaúma (em homenagem a um dos maiores rios da região, o Sumaúma). Em 1633 foi invadida, saqueada e incendiada pelos holandeses e em 1636 passou de Vila a Freguesia recebendo o

nome de Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul (ou Alagoa do Sul), e posteriormente Alagoas. Em 1839 perde o posto de capital para Maceió, em evento marcado por disputas e violência envolvendo as elites políticas e econômicas do território.

A transferência da capital para Maceió foi respaldada e defendida a partir da estrutura portuária e das condições naturais superiores do porto de Jaraguá, em Maceió, em relação àquele de Marechal Deodoro. Essa transferência provocaria a futura decadência econômica da cidade, bem como a queda de sua importância política no cenário local. Somente um século depois, em 1939, é que a antiga capital deixa de ser denominada Alagoas e recebe seu nome atual, Marechal Deodoro, em homenagem ao proclamador da República e primeiro presidente do Brasil - o marechal Manoel Deodoro da Fonseca - seu filho mais ilustre.

Por suas características de cidade colonial e pelo rico patrimônio arquitetônico e artístico de um período histórico, em 2006 a cidade foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e passou a integrar o roteiro das cidades nordestinas do Brasil colonial. É um lugar que revela marcas de um passado voltado para a economia do açúcar, da influência católica, e de um cotidiano movimentado pelas águas de rios, lagoas, manguezais e pelo mar, espaços de caminhos hídricos por onde foram e ainda são transportados produtos, gente e tradições seculares.

Através do açúcar, e por ação dessa empresa portuguesa, Alagoas fez dialogar matrizes culturais européias e africanas com o que de indígena existia desde os primeiros tempos de povoamento colonizador. O resultado dessa presença continuada de negros (particularmente de grupos etno-linguísticos bantu), de índios e de portugueses produziu uma identidade territorial que se traduz em elementos no cotidiano de Marechal Deodoro. O resultado desse encontro se traduz na religiosidade, na musicalidade, nas expressões corporais e festivas do povo facilmente perceptíveis ao olhar dos visitantes, e também no artesanato e iguarias à base da mandioca, do coco e do pescado.

A posição de ancestralidade que Marechal Deodoro ocupa na constituição do território alagoano e brasileiro se dá a ver de diferentes formas: no fato de a cidade ter sido palco de importantes episódios históricos de defesa do território colonial português, como a invasão holandesa, que lhe destruiu a freguesia nos idos de 1636; ou por ter sido importante entreposto para o abastecimento das tropas que se dirigiam ao Quilombo dos Palmares, também no século XVII, visando sua destruição. Essa importância de Marechal Deodoro reside também no simbolismo da construção do Brasil como uma nação republicana, da qual é vista como berço, já que ali nasceu o proclamador da república brasileira e outras figuras de destaque político no passado.

Seu relevante papel militar nos tempos da colônia ainda lhe conferiu uma vocação para as bandas

musicais, as fanfarras e orquestras que, hoje em dia, faz do lugar uma das principais cidades do país na geração de músicos de instrumentos de sopro. Visitar Marechal Deodoro é sempre uma oportunidade para encontrar jovens músicos a circular com seus instrumentos, ou seu Nelson da Rabeca, instrumentista e construtor de rabecas, exercendo o seu ofício, ou ainda alguma banda de pífanos a acompanhar cortejos cívicos ou religiosos.

Além da sede, o município de Marechal Deodoro conta com a praia do Francês e as áreas da Massagueira e da Barra Nova. Cada um desses distritos guarda outras surpresas paisagísticas e culturais para seus visitantes. Na praia do Francês acredita-se ter funcionado um antigo porto de contrabando de pau-brasil nos idos do século XVI. A afamada praia tem suas águas mansas separadas das águas mais perigosas aos banhistas por uma barreira de corais. Ali se encontra também a ruína do que chamam o antigo leprosário, localizada em área de preservação ecológica à beira-mar. Sobre essa ruína parece não haver consenso que lhe atribua origem certa. Para uns, abrigou os "leprosos", degredados pelo mal transmissível, e à época incurável, da hanseníase; para outros, serviu de esconderijo aos franceses que assim o denominaram para afastar dali os curiosos.

Merece destaque o pólo gastronômico da Massagueira, onde os frequentadores podem almoçar à beira da lagoa, apreciando a passagem sonolenta de uma canoa de pesca ou a animação nos barcos

turísticos que transportam passageiros em passeios idílicos entre suas ilhas. Em torno de toda a região deodorense a presença dos coqueiros é dominante e, como não poderia deixar de ser, também das cocadas confeccionadas com frutas as mais variadas: maracujá, goiaba, jaca, coco (branco e queimado), entre outros sabores, e que abundam em tabuleiros armados na entrada da Massagueira, onde geralmente são comercializadas por mulheres das comunidades.

Na Barra Nova, que se configura também como um dos últimos sítios nativos de mangabas do litoral alagoano, e que vem se desenvolvendo como lugar de veraneio para moradores de Maceió, o visitante pode encontrar um artesanato de porcelana que mescla diferentes técnicas de pintura em vidro. O turismo tem atraído para ali visitantes de todo o país, fato que vem incrementando a economia local e envolvendo nesse processo os próprios habitantes, seja através dos pequenos negócios do artesanato, bares e restaurantes, seja através dos passeios lacustres realizados por experientes pescadores e barqueiros.

Em toda a região que compreende Marechal Deodoro verifica-se a presença de importantes rios, como o já citado Sumaúma, o Niquim e o dos Remédios. O subsolo é rico em reservas de gás natural e de petróleo. Juntamente com o complexo lagunar, a importância desse ecossistema busca ser resguardada legalmente através da criação da Área de Proteção Ambiental (APA) de Santa Rita e, posteriormente, da criação da Reserva Ecológica Saco da Pedra; não obstante os impactos sofridos pela

acrescida e diversificada presença humana nessas últimas décadas.

A antiguidade do povoamento da região de Marechal Deodoro se expressa em consolidadas práticas culturais caracterizadoras de um espaço marcado por uma colonização que amalgamou várias heranças constitutivas de suas atuais feições. As características gastronômicas indicam o entrecruzamento de referências indígenas, africanas e portuguesas, com a marca indelével da economia do açúcar e de sua feição ecossistêmica muito singular. Daí as especialidades de uma culinária marcada pelo uso do coco e pela presença de frutos do mar e espécies de rios, mangues e lagoas, e de uma doçaria elaborada a partir da variedade e abundância de frutas tropicais. A mandioca, artigo indispensável à subsistência, se manifesta na confecção de finos sequilhos e bolinhos de goma.

A pregnância paisagística do território não passou despercebida à literatura alagoana. As águas se infiltram também no ambiente artístico-literário. As lagoas, por exemplo, foram objeto de interesse de Octávio Brandão, que em seu belo *Canais e Lagoas* detalha apaixonadamente a região; mas talvez o livro *Calunga*, de Jorge de Lima – poeta e escritor alagoano natural de União dos Palmares – seja a obra exemplar na descrição do ambiente lacustre e do povo cambembe, do abandono social de sua gente. Significativa no título, *Calunga* é palavra africana que nomeia, entre outros, o fundo das águas, e era o nome dado pela gente antiga do lugar ao canal que liga as

duas lagoas, nomeando partes profundas da massa aquática de perigosos redemoinhos. Uma toponímia africana em território Tupinambá é o *Calunga* da lagoa Mundaú. A presença referenciada de lugares a partir de topônimos africanos e tupis evidencia o elemento africano e o indígena na formação social e cultural do território.

Essas informações, entretanto, não estão inscritas somente na toponímia ou na gastronomia. Expressam-se também em tecnologias de subsistência de variadas formas de pescar: de curral, de covo, de rede, do extrativismo do sururu e de um sem número de armadilhas fabricadas para a execução desse ofício em distintos ambientes aquáticos, além das criativas formas de transporte do pescado, como as exóticas cordas de amarrar e transportar caranguejos. Também Marechal Deodoro revela rico universo quando se trata de bordados, quase todos atribuídos à tradição lusitana: labirinto, filé, rendendê, renda de bilro, fuxico e o delicado trabalho da singeleza que vem sendo revitalizado por ação das arquitetas Josemary Ferrare e Adriana Guimarães.

Nos elementos da cultura popular ainda podemos encontrar os sinais evidentes desse triplo pertencimento étnico-cultural formativo do nosso povo, seja através dos sambas de matuto, das baianas, do bumba-meu-boi, do guerreiro ou das bandas de pífanos, indicando a matriz afro-brasileira ou mestiça dessas referências; seja através do pastoril, da cavalhada, do presépio, da literatura de cordel, mais

comumente associados a uma herança ibérica. No ambiente deodorense é igualmente forte a presença de lendas fantásticas, como a da Cavala - uma mulher alada - ou a de Florzinha, mito associado às matas e presente também em outras regiões do Nordeste brasileiro onde é conhecida como Comadre Florzinha ou Fulôzinha, narrativa de matriz provavelmente indígena.

Já o rico patrimônio religioso de Marechal Deodoro e a sua memória político-administrativa se exprimem em símbolos imponentes que a cidade preguiçosamente ostenta. Do patrimônio religioso, evidenciado por seu conjunto de edificações e obras sacras, destacam-se o Convento Franciscano, a Igreja Santa Maria Madalena e a Ordem Terceira a São Benedito. Mas não podem ficar fora de um roteiro turístico sacro a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, construção datada de 1783 e que substituiu a antiga igreja edificada ainda em seus primórdios e destruída em 1633 pelos holandeses; as ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, que abrigou uma confraria de mulatos, construção do final do século XVIII e início do XIX e as ruínas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, edificação do século XIX. Há outras igrejas menores que merecem visita, como a do Senhor do Bomfim, no povoado de Taperaguá.

Essa religiosidade se dá a ver nas tradições católicas indicadas pelo calendário religioso da cidade que assinala festas com uma periodicidade praticamente mensal: a festa de Nosso Senhor do Bomfim de Taperaguá, que acontece no período de 01 a 06 de

janeiro; a festa de Santa Luzia, que acontece em 22 de janeiro; as comemorações da Semana Santa; as festas de Santo Antonio, São João e São Pedro, no período junino; a festa de Nossa Senhora da Boa Viagem, que acontece de 7 a 11 de novembro no bairro Barro Vermelho, e naquela que talvez seja a mais imponente comemoração religiosa do município: a festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição, comemorada em 8 de dezembro, dia em que, em Alagoas, comumente se festeja também o orixá Iemanjá.

As formas religiosas católicas, que atuaram como elementos fundadores, revelam sua força para além do rico patrimônio arquitetônico e artístico que a cidade encerra e que tem reconhecimento nacional. Elas podem ser também observadas nos detalhes mais ilustrativos da crença católica popular, que se ocupa da confecção de andores para as procissões, da realização de novenas e ladainhas nas casas dos fiéis, da organização de quermesses e das devoções a santos cultuados em oratórios domésticos. Muitas outras tradições religiosas antes presentes em Marechal Deodoro se perderam, mas ficaram na memória de moradores e no registro de historiográfico e documental, como a procissão das cinzas que acontecia na primeira quarta-feira da Páscoa. Nessa procissão se fazia desfilar, em cortejo, figuras representando a Confissão, a Contrição, a Satisfação, a Obediência, a Memória da Morte, o Desprezo do Mundo, que seguiam com anjos à frente. A ela se incorporavam vários outros personagens.

Cada uma dessas comemorações religiosas costuma mobilizar uma série de outras tradições populares, sempre acompanhadas com apresentações de grupos de folguedos, com a gastronomia típica a esses festejos, e que variam sazonalmente, além de uma efervescência que alimenta o espírito religioso do povo profano garantindo a vivacidade e a atualidade dessas práticas.

Da memória administrativa da cidade e de seu glorioso passado político o visitante pode conhecer a casa onde nasceu Manoel Deodoro da Fonseca, localizada na Rua dos Mortos, nº 92, e hoje transformada num pequeno museu aberto à visitação: a Casa de Deodoro. Trata-se de exemplar de arquitetura portuguesa do período colonial brasileiro, nela podendo-se observar o telhado de biqueira. Outro lugar indispensável ao visitante é o antigo Palácio Presidencial, sede do governo provincial até a transferência da capital, em 1839. Há ainda os prédios da antiga Cadeia e Casa da Câmara, edificações mais recentes, da metade do século XIX.

Dentre seus filhos ilustres estão importantes oradores, como o inflamado José Tavares Bastos, e intelectuais do relevo do historiador Alexandre José de Melo Moraes. Cidade que abrigou talentos nas mais variadas modalidades do mundo das artes, lá nasceram também o artista plástico Rosalvo Ribeiro e o músico Heckel Tavares, para citar alguns célebres e antigos; mas temos os representantes das artes contemporâneas, como a poetisa Arriete Vilela e o mestre da cultura popular Cícero Santeiro (escultor sacro).

ÍCONES DE MARECHAL DEODORO

Convento Franciscano, Igreja Santa Maria Madalena e Ordem Terceira a São Benedito

Esse é um exemplo de um complexo religioso construído em épocas distintas e por longos períodos. O resultado é o de uma construção eclética onde os estilos se sobressaem de acordo com o período. As edificações da Igreja e do Convento de Santa Maria Madalena tiveram sua construção iniciada em 1660, mas a conclusão demorou mais de um século, só ocorrendo em 1793. A obra foi realizada graças ao trabalho de recolhimento de doações por parte dos frades franciscanos. De estilo barroco, teve sua função de espaço sagrado alterada no século XIX, funcionando por duas vezes como quartel militar: durante as lutas que antecederam à Independência do

Brasil (1821) e por ocasião da transferência da sede da capital para Maceió (1839).

No interior do convento, sob o coro, vale observar o forro que ostenta uma pintura em medalhão retratando Santa Clara, de autoria de José Eloy e datada de 1817. No centro da nave, outro medalhão de autoria desconhecida, mas de excelente qualidade plástica e técnica, retratando São Francisco. Ainda na nave, uma capela com cripta e um belo retábulo todo decorado com abundante talha dourada de apurado gosto e qualidade técnica, só conseguida com o esmero de experientes mestres torneiros e escultores.

Igreja e Ordem Terceira do Complexo Franciscano



Santa Maria Madalena



Teto da Capela-mor da Igreja

Outro detalhe a se observar é a presença de um grande nicho que preserva a imagem do Cristo Crucificado, jansenista, curiosa pela postura incomum: os braços não estão em posição horizontal, mas levantados à altura da cabeça, que, por sua vez, é voltada para cima e não derreada, como normalmente é representada. Os pés não se cruzam, mas estão postos um ao lado do outro.

Ao lado da igreja, o prédio da Ordem Terceira de São Francisco é uma construção do século XVIII. Para especialistas, ordem terceira ostenta a mais bela portada do barroco alagoano. No outro lado, a ala conventual é hoje ocupada pelo Museu Dom Ranulfo da Silva Farias, com uma coleção que reúne imagens, mobiliário, pinturas, ourivesaria, prataria, missais, paramentos e alfaias diversas dos séculos XVII, XVIII e XIX.

Ordem Terceira



Artesanato - Filé



O filé é uma das marcas do artesanato de Alagoas e tipicamente uma manifestação do complexo estuarino Mundaú-Manguaba, e os maiores núcleos de produção estão localizados nas cidades de Maceió - nos bairros do Pontal da Barra e Riacho Doce - e de Marechal Deodoro. Filé é uma corruptela do francês filet, rede, numa clara alusão ao ofício da pesca com redes.

A origem do filé é desconhecida, mas o processo de feitura não deixa dúvida de que surgiu a partir da rede de pescar. Também não se sabe quando chegou a Alagoas, vindo no bojo das múltiplas influências europeias assimiladas pela sociedade brasileira nos primórdios de sua formação. Certamente, pela

contingência histórica, foram mulheres portuguesas as primeiras a transmitirem os conhecimentos de além-mar. Ainda hoje, algumas comunidades lusitanas mais tradicionais conservam a prática do filé, embora já se perceba certo distanciamento entre os padrões do produto lá e os desse lado do Atlântico.

O filé consiste num trabalho de tecelagem manual disposto sobre uma base em rede. A primeira etapa do trabalho consiste na preparação dessa rede, ou grade, com linha resistente utilizada em agulha de jenipaparana, árvore da família das lecitidácias e hoje escassa na região. A agulha é igual àquela utilizada para a confecção da rede de pescar, embora menor e mais fina. A dimensão da malha é definida pelo molde,

palheta de bambu bem polida. Depois de pronta, a rede é logo engomada para facilitar o trabalho e, em seguida, esticada no tear.

A filezeira, com uma agulha de metal comum e grossa, enche a rede com bordados de linha sedosa em fio duplo. O preenchimento é feito com cuidado para não sujar a peça, que, quando pronta, é passada pelo avesso e com ferro quente.

As rendas mais antigas eram brancas. As poucas cores que se obtinha eram então por ação de corantes naturais de plantas da região. Depois chegaram as linhas coloridas e hoje o filé é confeccionado em toda a gama de cores e de suas combinações.

Os pontos mais conhecidos e sempre repetidos na comunidade de Riacho Doce e adjacências são: matame, jasmim, bom-gosto, tecido, olho-de-pombo, barafunda, dente-de-cão, três Marias, tecido de cadeira (palhinha), besouro, rosa, girassol, cheio, quadrado cheio, quadrado aberto e aranha. Com esses pontos, as artesãs fazem toalhas de mesa de

todos os tamanhos, quadradas, retangulares, redondas ou ovais. Também fazem colchas de casal e de solteiro, caminhos de mesa, bicos para toalhas de banho e de rosto, xales, panos de bandejas, jogos americanos, almofadas e bolsas. Cortinas e outras peças mais difíceis de serem comercializadas, as filezeiras só produzem sob encomenda.

Ao contrário de outros tipos de rendas, como a de bilros e a irlandesa, o filé não depende do risco ou debuxo para ser tecido. O preenchimento da rede é feito de memória, com os pontos comuns à comunidade. A importância do caderno de risco é a preservação do filé tradicional nos momentos de crise na atividade, quer por falta de compradores, quer por interferência desses compradores no padrão das filezeiras.

Organizadas em associações e cooperativas, as rendeiras comercializam seus produtos que, pela variedade de cores e esmero no tecer, agradam a todos os que visitam o município.

Casa do Marechal Deodoro



Trama do Filé



Filezeiras de Marechal



Nelson da Rabeca



Expressão da arte popular alagoana, Nelson da Rabeca se notabilizou, já em idade madura, como instrumentista e rabequeiro (construtor do instrumento). Seu carisma advém da simplicidade e singeleza de seu modo de ser; mas também da especificidade de seu instrumento, a rabeca. Nascido em Joaquim Gomes (AL), fez-se deodorenses por opção. Ali arrou a terra, casou-se, teve 10 filhos, despertou para os sons musicais e se fez Nelson da Rabeca, conhecido hoje como um dos instrumentistas espontâneos mais admirados pelos conhecedores dos ritmos de raiz.

A rabeca, instrumento que lembra em princípio o violino, e por isso é às vezes denominado "violino rústico", foi trazida para o Brasil no tempo das missões jesuítas no século XVI, disseminando-se por várias regiões do país. Segundo o musicista e regente Aldo Hasse, a rabeca foi um instrumento útil no trabalho de evangelização àquela época. Também segundo Hasse, em determinadas áreas do Brasil ainda se preserva a característica de tocar o instrumento apoiando-o no peito e não no queixo à moda do violino, como o faz Nelson da Rabeca. Quase sempre, o rabequeiro constrói e toca o instrumento; daí porque essa palavra refere-se simultaneamente a quem fabrica e executa.

Seria a rabeca de origem oriental, adaptada no continente europeu e utilizada por menestres até meados do século XII, declinando posteriormente a sua aceitação, restringindo-se a determinados segmentos populares. Foi um instrumento presente

na música dos barbeiros, antigos grupos amadores de música popular encontrados com frequência no Brasil colonial. Seu Nelson da Rabeca é portador dessa mesma herança cultural, cujo aprendizado intuitivo foi se alimentando na ambiência favorável da cidade musical que é Marechal Deodoro, redefinindo o destino desse trabalhador.

Tudo começou quando o pequeno lavrador encantou-se com a apresentação de um violonista que, por acaso, assistira na TV de um vizinho. Seu Nelson, enquanto na roça estava começou a testar madeiras procurando extrair delas sons que se assemelhassem aos que ouvira sair do violino: imbaúba, gameleira, mulungu, jaqueira. Essa última foi aprovada pelo som que produz, pela beleza de seus veios e pela durabilidade. Seu Nelson nunca aprendeu a ler, mas nesse exercício diário educou a audição. Ele nos diz, do alto de sua sabedoria: "apurando as ouças a gente ouve a melodia do pau". E, antes que se diga alguma coisa, ele mesmo completa, abrindo aquele sorriso de mostrar a alma. Assim, por interesse próprio, ele aprendeu a tocar e começou a compor. Sua mulher, Benedita, também companheira em algumas composições, acompanha seus acordes com uma voz esganiçada e afinada. Uma zabumba, um reco-reco e um triângulo completam os acordes.

O que faz a diferença em Nelson da Rabeca, além do domínio total sobre o instrumento feito por ele mesmo é a originalidade dos sons que produz e a adequação desses sons aos acordes que cria para determinadas músicas. A feitura da rabeca é rústica e

começa pelos tampos, a que seu Nelson chama de testo de cima e testo de baixo, aplicando depois o braço, o contra-braço e, por fim, as cordas.

O compositor Bernardo Gomes de Barros, atento às particularidades do talento do rabequeiro exalta "sua explosão criativa" e observa sobre o timbre de seu Nelson, que classifica de intuitivo, e que se assemelha aqueles obtidos nos estúdios eletroacústicos, pela identidade do pensamento atomístico e espectral do objeto sonoro: "estridente e brutal, com seus lindos formantes logicamente de acordo com a afinação das cordas e as polarizações das músicas e sua estética".

Entre os CDs que lançou destaca-se O Segredo das Árvores, título inspirado na diferença dos sons, que cada tipo de madeira produz. Seu repertório é composto também por xotes, marchinhas, baiões e forró pé-de-serra. Entre suas composições preferidas está o Xote Miudinho.

Marechal Deodoro presta homenagem ao ilustre rabequeiro com uma grande escultura que o retrata com seu instrumento, e que se situa logo na entrada da cidade, como se estivesse recebendo os que ali chegam.



Banda de Pífanos ou Esquenta Mulher



Banda de Pífano do Mestre José Cícero

As bandas de pífanos, ou “esquenta mulé”, ou ainda “esquenta muié”, são características das cidades nordestinas, do litoral ao sertão. Eram antigamente também denominadas de “terno de zabumbas”, sendo comuns às três cidades deste roteiro. São facilmente avistadas nas festividades das cidades, em suas datas cívicas, suas feiras e procissões religiosas, quando executam marchas, valsas, dobrados e hinos religiosos.

Tradicionalmente, seus integrantes se apresentam com indumentárias assemelhadas àquelas das velhas fanfarras militares: uniformes e quepes caqui padronizados. Seus instrumentos elementares são: o pífano, o prato e a zabumba. Pode se constituir também por um conjunto de dois pífes de taboca (variedade de bambu), um bombo (ou zabumba) e um tambor (tarol), uma caixa, um triângulo, e um par de pratos. O pífe é muito encontrado no Nordeste do

Brasil e seu uso é bastante popular. Tem a forma de uma flauta e é tocado como tal instrumento. O tocador de pífe é chamado de pífeiro. O mestre, também maestro e arranjador, é o primeiro dos tocadores de pífano. É ele quem comanda o espetáculo.

O instrumento que dá nome ao conjunto é feito de bambu seco, extraído no próprio município. Depois de pronto, fica submerso em vasilha com água para limpeza da taboca e comprovação de que nele não existem rachaduras.

Segundo crença alagoana, ao som desses conjuntos as mulheres ficam “esquentadas e fogosas”. As bandas de pífano constituem-se como uma prática mestiça que tem origem portuguesa, mas que a elas se somam as presenças indígena e negra através da flauta (o pífe) e a zabumba. As Bandas de Pífano geralmente executam peças criadas por elas próprias. Em seus repertórios encontram-se diferentes ritmos, desde a “Marcha de estrada”, modalidade sempre executada

quando a banda deixa a sua sede a caminho de uma festa qualquer, a “Alvorada”, que só é executada às seis horas da manhã, ao meio-dia e às dezoito horas, o “Dobrado da igreja”, peça marcial interpretada diante da igreja da qual sairá uma procissão, o “Dobrado”, tido como o ritmo mais difícil de executar, o “Baiano”, semelhante ao conhecido baião, o “Galope”, espécie de polca, o “Abaianado”, o “Martelo” e outros.

Marechal Deodoro, que preserva a tradição de sua musicalidade com corais, bandas marciais e ícones nacionais como Heckel Tavares, também mantém vivos os acordes de suas bandas de pífano. Uma seqüência de mestres comprova esta afirmação. Conforme registro da pesquisadora Regina Cajazeira na segunda década do século XX, o mestre José dos Santos já dava notícias de ter conhecido mestres como José Roseno e Jacinto, ambos no mesmo município. As bandas mais recentes são as do mestre José Bispo e dos irmãos José Cícero e Franklin Luciano da Silva. .



Prefeitura Municipal, antigo Paço Imperial



Banda de Pífano do Mestre José Cícero

Pólo Gastronômico da Massagueira



Sururu de Capote

O pólo gastronômico da Massagueira localiza-se ao lado da rodovia AL 101-Sul, entre os municípios de Maceió e Marechal Deodoro, e é muito bem freqüentado pela população dos dois municípios e por visitantes. Dentre suas principais características destacam-se a culinária à base de frutos de peixes, camarões e outros frutos do mar e o cenário rústico de suas casas simples.

Não resta dúvida de que o alimento farto e fácil vem das águas, doces ou salgadas. Os barcos, as redes, arrastões e tarrafas, covos e outras armadilhas de

pesca mantêm a tradição dessa vida praieira de hábitos simples e integrados à natureza. Os pratos típicos da terra são os mais saborosos, a começar pela peixada ao molho de coco, com coentro e cebolinha verde, sem esquecer o molho de pimenta de cheiro, que estimula o paladar e pede uma cerveja bem gelada. Os camarões acebolados e as moquecas de sururu, molusco que o nativo diz ser afrodisíaco, são pratos comuns na culinária local. Saborear um ensopado de massunim com farinha de mandioca nos bares às margens da lagoa Manguaba é uma das boas

opções para um fim de tarde em Marechal Deodoro.

No povoado da Massagueira, que se localiza na Ilha de Santa Rita, pode-se saborear as melhores camarãozadas à base do leite de coco, o siri de coral, o caranguejo cevado e a carapeba frita. Completando a refeição, cocadas de variados sabores, suspiros de clara de ovos e outras guloseimas artesanais que são vendidas ao longo da estrada em tendas montadas pelas próprias doceiras.

Pôr-do-sol na Massagueira



Doces, Suspiros e Cocadas - Massagueira



Barra Nova

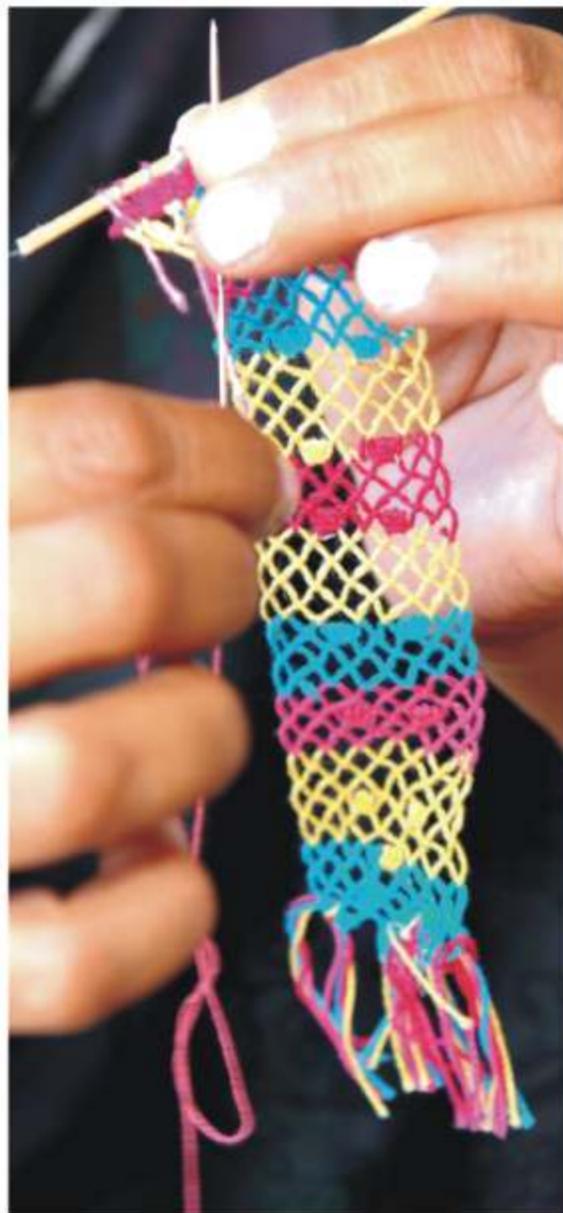


Frutas Regionais



Lagoa Manguaba

Bico Singeleza



O bico singeleza é feito sobre uma trama bastante simples, numa minúscula rede de nós, parecida com a da base do filé e das redes de pesca tecidas pelos pescadores. É tradicionalmente confeccionado com agulha, linha e talo de coqueiro. Não precisa de risco, nem de moldes. A linha é a mais simples, de algodão, usada pelas costureiras. Com ela, a rendeira inicia o trabalho pontilhando em um pedacinho de pano que serve de base. Em seguida, coloca um talo bem fino de palha de coqueiro no sentido horizontal, junto à base do pano e faz a primeira ordem de casas, dando uma laçada no talo com a linha em agulha comum. O curioso é que a artesã puxa a agulha no sentido contrário, isto é, pelo fundo. As ordens de casas vão se repetindo, formando uma malha muito fina. De espaço em espaço, a rendeira preenche cinco dessas casas com uma leve decoração a que chamam de rosinha. O ponto não varia. É sempre o mesmo para renda, bico e aplicação.

O bico compunha as prendas ensinadas às meninas, como parte de sua educação doméstica. Era utilizado para decorar blusas e golas soltas, mas também barras de anáguas, toalhas, lençóis e outras peças. Confeccionado aos metros em Marechal Deodoro, era comercializado em Maceió, de porta-em-porta ou "a bordo", como se dizia antigamente. "Rendar singeleza", isto é, fazer o bico, era uma prática comum entre as mulheres de Marechal Deodoro. Com o passar do tempo, a renda foi caindo em desuso e as rendeiras migraram para o trabalho com o filé, considerado uma renda mais vistosa e de elaboração



mais rápida, que encantava e ainda encanta os compradores. Com o despertar do fluxo turístico no município, a adesão ao tear do filé tornou-se cada vez mais forte.

Pela delicadeza da linha e dos pontos a renda faz jus ao nome, pois o resultado é mesmo uma singeleza. Para dona Marinita, a mais ilustre representante do bico singeleza, este ofício é assim percebido: "a renda é a graça da minha vida. Esqueço do tempo. A gente vai fazendo com vontade que aumente e não pode tirar a vista. Brincou com a verdade erra, perde o ponto. Ai, entroncha tudo". Dona Marinita morreu em 2006, mas sua história e sua renda permanecem através do documentário de Celso Brandão, A singeleza da Singeleza, e do trabalho das seguidoras desse ofício e de uma fundamentada pesquisa feita pelas arquitetas Josemary Ferrare e Adriana Guimarães, que propuseram ao IPHAN a inscrição da singeleza no livro de registro do patrimônio imaterial brasileiro.



Mapeamento Cultural

Cidades Históricas



Penedo



PENEDO

O município de Penedo conta com cerca de 60.750 habitantes (IBGE, 2008) e tem uma área de 687,96 km². Localizado a 160 km de Maceió, chega-se lá pela rodovia AL-101 Sul. Seu clima é tropical úmido, e a sede municipal fica a uma altitude de 27 metros acima do nível do mar. As fronteiras territoriais se dão com os municípios de São Sebastião, Teotônio Vilela, Coruripe, Igreja Nova, Piaçabuçu e Feliz Deserto.

Banhada pelo Rio São Francisco, em quase toda a sua extensão, Penedo, que tem seu nome associado à presença de um grande rochedo, é pólo referencial da região san franciscana. Chegar à cidade pelo porto é descortinar um belo cenário de paisagem secular, relicário de história e arte, cuja colonização nasceu do caminho fluvial aberto pelos desbravadores dos séculos XVI e XVII. Povoando a região, eles trouxeram influências e tradições que imprimem, ainda hoje, uma particularidade fidalga aos nascidos ali.

Com inúmeras denominações, Uparapitinga ou Belo Opara, São Francisco ou dos Currais, da Unidade Nacional ou Velho Chico, o certo é que o grande rio tornou possível o povoamento ao longo de seu leito, oferecendo condições de vida aos que usufruíam de seus ancoradouros, criavam gado em suas margens e plantavam muita cana e arroz em suas várzeas.

A cultura presente na cidade e nos municípios vizinhos é rica, diversa, de linguajar e alimentação próprios que sedimentam os vínculos entre as populações advindas de uma mesma origem: a herança san franciscana de ocupação secular. Como

os primeiros povoadores portugueses procuravam se fixar em pontos elevados das margens que lhes favorecessem a condição de defesa e fuga, a posição de Penedo atendeu plenamente a essa estratégia que foi, ao longo de sua história, muito bem aproveitada por portugueses e holandeses nas sucessivas lutas pelo domínio da terra.

Apesar das controvérsias, para o historiador Craveiro Costa, quem primeiro chegou ao rochedo com a bandeira da colonização, por volta de 1560 e 1565, foi Duarte Coelho de Albuquerque, em viagem de reconhecimento que fez aos seus domínios como donatário da Capitania de Pernambuco. Sobre o rochedo, à margem esquerda do rio, se criou uma feitoria com o objetivo de combater o indígena. Esse ponto teria dado origem aos fundamentos da cidade de e da colonização do Baixo São Francisco.

Só a 12 de abril de 1636 o povoado foi elevado à vila, com a denominação de Vila do São Francisco e apenas em fins do século XVII, começou a ser denominado de Penedo do Rio São Francisco, e mais tarde, simplesmente, Penedo.

O domínio holandês que se alastrou pelo Nordeste, chegou à Vila, em 1637. Frans Post deixou, em sua vasta obra pictográfica, desenho histórico retratando a fuga dos portugueses pelo São Francisco, em tentativa frustrada de expulsar os holandeses de Penedo. Esse intento só foi conquistado em 1645, com a destruição do forte Maurício de Nassau, lá instalado. Por sua vez, os holandeses, antes de fugirem, também pelo rio, queimaram os arquivos da

igreja e da câmara. Dessa forma, a recomposição da memória histórica da cidade foi duplamente prejudicada: perdeu-se a edificação do forte e a documentação religiosa e pública da Vila.

Ainda pela posição geográfica que desfruta - às margens do rio São Francisco - Penedo conheceu um desenvolvimento acelerado a partir do século XVIII e foi elevado à condição de cidade em 1842, quando já conhecia as benesses do crescimento econômico e cultural que a destacou como importante pólo do país. Tornou-se, assim, o maior centro intermediário entre as cidades ribeirinhas e os grandes empórios comerciais, graças à navegação fluvial, numa época em que era precária a comunicação por via terrestre. Permanece nessa condição até a melhoria da rede rodoviária e o progresso acentuado nos transportes, beneficiando outros municípios, sobretudo depois das estradas de ferro.

Se por um lado essa prosperidade teve seus frutos benéficos, por outro, prejudicou sobremaneira a conservação do antigo conjunto arquitetônico da cidade, desde que, em razão do progresso, Penedo assimilava as influências de estilos que surgiam nas grandes capitais. Seu aspecto colonial foi, assim, sacrificado para atender ao gosto neoclássico do período imperial. Seu plano urbanístico original sofreu, aos poucos, várias alterações, assistindo a demolições e reformas de casas que passavam a dar espaço às novas tendências vindas das grandes metrópoles. Apesar disso, a atmosfera colonial permaneceu e o município de Penedo continuou

envolto por uma aura de tradição preservada, embora receptiva aos elementos novos que surgiram no Império e, posteriormente, na República.

Suas ruas ladeiosas e incertas, com construções que os habitantes consideram assobradadas, algumas com até três andares, além das igrejas seculares relativamente bem conservadas, mesclaram-se de um ecletismo marcado pelas influências do século XIX e, posteriormente, do século XX. Deste último período, vale destacar a construção do Cinema e do Hotel São Francisco em 1960, um marco da arquitetura moderna em Alagoas, e que foram edificados por iniciativa da Companhia Melhoramento Penedo. A construção do cinema proporcionou a realização do Festival de Cinema do Penedo que ocorreu em 8 anos sucessivos, a partir de 1975, atraindo para a cidade os olhares da mídia nacional. O hotel funciona até hoje e guarda as linhas modernas de sua arquitetura e de seu mobiliário, que ainda garantem aos hóspedes uma estadia agradável. No cinema, como vem acontecendo hoje em grande parte das cidades brasileiras, funciona agora uma igreja evangélica.

No centro histórico destaca-se a Igreja de N^ª. S^ª, da Corrente, ao lado do Museu do Paço Imperial e outras construções dos séculos XVIII e XIX. Adiante, a Igreja de São Gonçalo Garcia, com belo trabalho em cantaria, tem como destaques o nicho da fachada, com a imagem do santo padroeiro, as molduras de suas vazaduras e a pia batismal da sacristia. Embora seja uma construção do século XVIII, teve sua fachada

modificada entre final do século XIX e o início do XX, quando recebeu torres neo-góticas. Na praça que se estende à sua frente, ainda existe um campus arquitetônico expressivo, com sobrados, o Teatro Sete de Setembro, o Mercado Público - sóbria construção do século XIX -, a Associação Comercial e o já citado Hotel São Francisco.

O complexo arquitetônico dos franciscanos, edificado no século XVIII, é um ícone do barroco brasileiro, pela sua história e pela beleza decorativa. Dele se avista a Praça Barão de Penedo, antes denominada do Pelourinho. Nela está situado o templo hierarquicamente mais importante do município, a Catedral de Nossa Senhora do Rosário, padroeira da cidade, que é sempre muito festejada no dia 7 de outubro. A primeira matriz do Penedo situava-se um pouco atrás da atual e era dedicada a Santo Antonio que foi o padroeiro da cidade até o ano 1640. A atual, terceira construção, teve início no final do século XVIII, sendo finalmente concluída um século mais tarde. Sofreu ao longo dos anos várias reformas. Em 1982 foram demolidos os dois altares laterais que ficavam nas imediações do arco cruzeiro. Sua rica pintura do teto e paredes foi também removida. Esta igreja guarda um belíssimo quadro de origem francesa, trabalho em madeira que pertenceu ao oratório da residência do Barão do Penedo.

A imagem de Nossa Senhora do Rosário é em madeira de boa escultura, com douramento e policromia em seu revestimento. Já não traz o rosário de ouro, que lhe foi surrupiado, faz algum tempo. Sempre no nicho

mais alto do altar-mor, por ocasião da festa, a santa desce e fica em um andor, próxima dos fiéis, para que a comunicação seja mais direta e os pedidos possam ser ouvidos e atendidos com maior rapidez.

A prefeitura promove apresentações folclóricas e as instalações de parques recreativos que movimentam a cidade até o dia da procissão, que é concorridíssima e passa pelas principais ruas, renovando a fé dos penedenses e a louvação à padroeira. Na praça em frente à catedral acontecem quermesses, confissões coletivas, leilões e pregações, enquanto no interior da igreja as novenas são rezadas e a missa solene é celebrada pelo bispo diocesano. Por toda essa tradição religiosa, em 2008, o IPHAN e o Minc lançaram edital para o I Concurso Lapinhas de Penedo com o objetivo de reativar essa atividade natalina que era freqüente entre as décadas de 70 e 80 naquela cidade.

Localizada no alto do rochedo, a Praça Barão de Penedo congrega, ainda hoje, tanto o poder eclesiástico como o poder político local, pois, fazendo parte do mesmo campus, fronteira à catedral encontra-se a Prefeitura Municipal e, ao lado, a antiga Casa da Câmara e Aposentadoria. Desde a década de 1970, a Câmara de Vereadores foi instalada na antiga residência da família Tavares, construção dos fins do século XIX, situada na mesma praça. Ainda compondo a arquitetura do logradouro, em meio a um casario de fachadas dos séculos XVIII e início do XIX, está o Oratório, conhecido popularmente por Oratório da Força, embora não se tenha notícias de

enforcamentos em Penedo. É uma construção colonial de 1769. Possivelmente trata-se de um oratório – passo – muito comum no período de sua construção. O vulgo atribui à função de oratório dos condenados ao suplício do enforcamento. Ainda na mesma praça, o sobrado que serviu de residência ao primeiro bispo do município, Dom Jonas de Araújo Batinga.

Pelos elementos de memória político-administrativa e religiosa que reúne, a Praça Barão de Penedo é um espaço de importante valor imaterial para o penedense. Nela situam-se, além dos prédios da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário e da Prefeitura (Aposentadoria Nova), as duas edificações mais antigas do Estado de Alagoas – a Casa da Câmara e Aposentadoria e a Cadeia –, do século XVII. Devido às sucessivas interferências e descaracterizações de suas estruturas, não foram tombadas pelo IPHAN.

O próprio espaço da praça, local onde se erigiu inicialmente o pelourinho da cidade – uma das edificações exigidas para a constituição de uma cidade no período imperial – encontra-se bastante modificado. Somente parte do seu calçamento é do período colonial e um canteiro central foi depois ali acrescido. Diante do acelerado processo de descaracterização do lugar, a Fundação Casa do Penedo propôs uma rigorosa interferência em toda a área que engloba, além da praça, as edificações do seu entorno, sugerindo, entre outros, a retirada do canteiro central, a recuperação do calçamento original e a proibição do tráfego de veículos.

Ainda no Alto do Rochedo, há a Rua das Lavadeiras de onde se descortina bela paisagem com vista para o rio. Durante as manhãs, as lavadeiras ficam ali, lavando ou corando roupas, cantarolando, conversando e se banhando, num típico espetáculo de convivência e de hábitos bem ribeirinhos.

As casas de taipa, alinhadas, uma ao lado da outra, parecem se equilibrar no despenhadeiro da rocha, margeando a descida para o rio. Integradas a um belo cenário, onde rio e pedra se irmanam, acompanham o crescimento do lugar, desde que os primeiros desbravadores pisaram na rocha na qual se fez Penedo.

Merece especial atenção na cidade a já citada Fundação Casa do Penedo. Criada em 1992, tem por missão preservar a memória da cidade, especialmente o seu patrimônio artístico e cultural. A Fundação Casa do Penedo, com sede própria à Rua João Pessoa, 126, tem biblioteca e hemeroteca especializadas, um arquivo iconográfico e documental informatizados, constituindo-se num importante acervo e local de pesquisa. É também essa fundação uma incentivadora da prática de esportes radicais nas pedras da rocheira, como o Rappel. Para isso, levou a Penedo um grupo de jovens liderados por Luis Gustavo (Tato) que, com a ajuda do Corpo de Bombeiros escalaram o rochedo. Segundo os técnicos, a penedia é o local ideal para a prática desse esporte.

A feira é outro ponto convergente que atrai os nativos de todos os lados: sergipanos e alagoanos, mas também os visitantes. Uns vêm para vender, outros

para comprar, mas todos seguem a mesma direção, do porto ao grande acontecimento popular que é a feira pública, que se estende da rua da praia até o Mercado Municipal e seu entorno. Os cestões cheios de cerâmica que chegam de Sergipe, principalmente de Carrapicho, situada na outra margem do rio, merecem um cuidado especial. São comercializados na feira de Penedo panelas, potes, alguidares, jarros variados e peças lúdicas, como miniaturas de bois, cavalos e mobílias que fascinam as crianças. Além da cerâmica, desembarcam na feira covos, cestas, peixes e mariscos, peças de alumínio, utensílios de plástico e estatuetas de barro e de gesso. Não faltam também os cereais, as frutas e verduras produzidas nas redondezas.

Por todos os seus atributos, em 2005, a cidade do Penedo foi escolhida como um dos sete destinos turísticos mais interessantes pelo Fórum Mundial de Turismo do Movimento Brasil de Turismo e Cultura (MBTC). Algumas de suas muitas edificações históricas são tombadas pelo IPHAN, a exemplo da Igreja e Convento Nossa Senhora dos Anjos, na Praça do Forte, e da Igreja de São Gonçalo de Garcia dos Homens Pardos, na Praça Floriano Peixoto. A primeira é uma construção executada em várias etapas, tendo sido iniciada em 1657. Tem semelhanças com os demais conventos existentes no Nordeste do Brasil em conformidade com o modelo português da era medieval.

No claustro do convento existe um monumento indicando a sepultura do benfeitor que compromete a

concepção original do espaço. A característica predominante das naves destas igrejas era o aspecto sombrio que levava o fiel à meditação e ao recolhimento. Inexplicavelmente, no início do século XX, em 1914, foram abertas janelas e clarabóias que alteraram profundamente a iluminação do templo e comprometeram a harmonia das pinturas dos tetos, das cornijas e das cimalkhas.

Além dos ricos dourados e dos trabalhos em pedra nesta igreja é interessante notar a presença de figuras com características que se assemelham aos primitivos habitantes da região – o indígena – esculpidas nos altares. Na torre recuada encontramos a Cruz de Avis.

A segunda edificação, Igreja de São Gonçalo de Garcia dos Homens Pardos, situada na Praça Floriano Peixoto, é o resultado do trabalho de sua rica irmandade que erigiu esse templo em curtíssimo tempo, numa demonstração de seu poderio econômico e de sua ascensão social e elegeu como patrono o mestiço Gonçalo de Garcia. O comércio local era constituído em sua grande maioria por mazombos pardos, e isso favoreceu que templos dedicados aos santos protetores dos negros fossem construídos ao lado daqueles dos protetores dos brancos. Essa irmandade construiu também hospital, teatro, biblioteca e sociedades de fins culturais e assistenciais na cidade. Destacam-se ainda nessa igreja os trabalhos de cantaria que, pela delicadeza do corte, é comparada à ourivesaria; é notável ainda um conjunto de imagens portuguesas em tamanho

natural. Lamentavelmente, as duas torres de sua fachada estão em desacordo com o traçado original – foram construídas bem depois, tendo sido até sugerida a sua substituição.

Mas, para além de sua indiscutível riqueza histórica e cultural, Penedo possui também belezas naturais. A primeira delas é o Rio São Francisco é inesgotável lugar de representações para a população. Celeiro de alimentos e de lendas, local de festas que utilizam suas águas como caminhos, o rio é responsável pela movimentação da vida dos habitantes de Penedo e entre as suas lendas, que passam de geração a geração. Alimentando e alimentada pelo imaginário criativo de sua gente, está a mais popular delas: a do sono do rio.

Contam os pescadores que o rio também dorme. Uma vez por ano, em uma noite que ninguém sabe dizer quando é, suas águas descansam. Sempre à meia-noite. Nesse momento, a correnteza pára e a cachoeira também não se move. Ouve-se falar que é lindo o espetáculo, mas quem viu ninguém sabe. A água fica inerte e não se ouve o seu borbulhar. A mãe d'água emerge das profundezas, gloriosa, e vem pentear os seus cabelos à luz do luar, tentando seduzir algum barqueiro desavisado. Os peixes se acomodam quietos no leito mais fundo do rio, enquanto os humanos que perderam a vida afogados, afloram à pele d'água. Ninguém deve perturbar o sono do rio. É um momento sagrado.

Se o rio tem seus apelos fantásticos, os rochedos de Penedo também têm as suas lendas. Entre elas está a

da conhecida pedra de São Pedro, localizada no meio do rio. Dizem os mais antigos que São Tomé, com o consentimento de São Pedro, em sua peregrinação evangélica passara por Penedo e deixara gravadas as suas passadas no alto da rocha. A expectativa dos que contam a lenda é a de que, se um dia as águas do grande rio cobrirem essas marcas, uma catástrofe assolará a cidade. Mais tarde a pedra veio a se chamar de São Pedro, em gratidão ao santo que a protege.

Outro bonito lugar para se visitar é a Praia do Pebá. Pebá é palavra tupi e designa “o que é chato, aplainado”, numa evidente alusão à praia. No local é realizado anualmente, no mês de novembro, o Festival de Pesca Penedense e o Passeio de Catamarã (tipo de barco) até a foz do Rio São Francisco (lugar de encontro do rio com o Oceano Atlântico).

ÍCONES DE PENEDO

Igreja Nossa Senhora da Corrente



Monumento do século XVIII, tombado pelo IPHAN em 1964, a Igreja de Nossa Senhora da Corrente, situada na praça 12 de Abril, centro de Penedo, ainda hoje tem na titulação da Virgem que lhe empresta o nome, motivo de controvérsia entre os estudiosos do assunto. A primeira hipótese está associada ao possível sobrenome de uma das benfeitoras da igreja, Ana Felícia da Corrente. A outra, mais poética, porém igualmente discutível, liga o nome de Nossa Senhora à

correnteza do rio, em cuja margem o templo foi edificado. Possivelmente o nome de Senhora da Corrente esteja ligado à invocação à mãe de Deus para proteger os pescadores da fúria da correnteza do rio. Seja qual for a verdadeira versão, certo é que a padroeira do templo sempre foi Nossa Senhora da Corrente, santa desconhecida no calendário litúrgico da Igreja, mas venerada pelos penedenses desde muitos anos. A imagem ostentava, em lugar do rosário, uma corrente de ouro maciço, cujo paradeiro não se sabe. Antes de seu desaparecimento, as famílias nobres da cidade realizavam casamentos nessa igreja e fazia parte do cerimonial os noivos serem envolvidos por ela, simbolizando a felicidade conjugal que deveria unir para sempre o novo casal.

A pintura do forro da nave dessa igreja tem efeito de perspectiva ilusionista, com elementos arquitetônicos que se abrem a um céu infinito, com Nossa Senhora no centro dominando a composição. A nave tem paredes revestidas por barra de azulejos policromados, formando um conjunto de dez quadros sacros de fabricação portuguesa. Especialistas encontram semelhança entre o conjunto de azulejos dessa Igreja, com o da Basílica do Coração de Jesus, em Lisboa, encomendado por D. Maria I. Ainda na nave, as tribunas, o púlpito, a grade da comunhão e as portas, com suas sanefas de magnífica talha, completam a erudição rococó do ambiente. No piso, os ladrilhos hidráulicos ingleses, aplicados no século XIX, estão em excelente estado de conservação. No centro, uma bela rosácea se destaca como elemento

único, em tons de azul e de marrom, cercada pelos ladrilhos uniformes e singelos que completam a pavimentação da Igreja.

O altar-mor, de gosto rococó, é revestido de dourado e marmoreado azul e rosa. Todo o retábulo é original do final do barroco. O camarim, ladeado por colunas salomônicas de capitéis dourados da ordem coríntia, é encimado por imponente dossel que lhe serve de coroamento, enquanto os altares colaterais são neoclássicos.

O conjunto de imagens do século XVIII, integrado a esses altares, é o mais importante da cidade pela erudição de sua talha e pelo estado de conservação em que se encontra. Por todos os seus atributos, arquitetônicos e escultóricos, a Igreja da Corrente se destaca como um monumento religioso de rara

beleza e inestimável valor histórico e artístico. Não é de se estranhar que a Igreja da Corrente, como é chamada pelos penedenses, tenha sua origem pontuada por referências populares. Transmitidas oralmente com o sabor e o mistério do que não se prova, essas informações atravessam o tempo e assumem contornos de verdade.

Os antigos acreditam que, em época que ninguém sabe precisar, um português, conseguindo libertar-se da prisão em sua pátria, fugiu para o Brasil e aportou na cidade com um pedaço da corrente que o aprisionara. Logo que se estabeleceu na vila, mandou construir uma igreja em devoção à Virgem e enterrou a corrente no alicerce. O certo é que na iconografia cristã não se tem notícias da devoção à Nossa Senhora da Corrente. Só em Penedo.



Igreja da Corrente - Detalhes do Interior

Guerreiro Treme Terra



Alagoas é um Estado rico em tradições populares provenientes do ciclo dos engenhos no Nordeste. Os folguedos populares estão por todas as regiões, onde a cana de açúcar domina a paisagem. Penedo não fugiu à regra, embora sua formação erudita sempre tenha definido o perfil cultural de suas tradições.

Pela presença marcante dessas brincadeiras, a Chegança é o que sempre alegrou as festas populares da cidade, sendo organizada no bairro da Santa Cruz e no bairro do Barro Vermelho, tradicionais redutos de pescadores. O mestre Fausto marcou época, em meados do século passado, comandando seus marujos.

Embora não se tenha registro num passado mais remoto sobre a presença de Reisados nem Guerreiros em Penedo, sabe-se que o mestre Eduardo, brincante de outros Guerreiros, formou ali o seu grupo; essa iniciativa reacendeu no município o gosto pela tradição folk canavieira, justamente no momento em que o município reativa a sua vocação agro-açucareira. Batizou o grupo de Treme-Terra, título que já nomeia outros

Guerreiros do Estado, mas é sempre repetido por simbolizar a batida forte do “trupé” no chão batido do terreiro, levantando a poeira e esquentando a festa.

Os folcloristas alagoanos admitem que os primeiros Guerreiros apareceram nos terreiros das casas-grandes, entre os municípios de Viçosa, Chã Preta, Capela e União dos Palmares. Os senhores de engenho promoviam as apresentações e vestiam os grupos com o garbo dos festejos lusitanos, com fitas e aljofres das cores da bandeira de Portugal: verde, vermelho e amarelo.

Característico de Alagoas, o Guerreiro é originário do Reisado, com alguns elementos do Pastoril, da Chegança, das Caboclinhas e do Congo. É o mais apreciado dos nossos folguedos natalinos, talvez por ser também o mais rico e colorido, e, por isso mesmo, o mais freqüente e freqüentado nas festas populares. Interessante notar que sendo o folguedo mais recente de Alagoas (é criado somente por volta de 1929), o Guerreiro tornou-se a mais emblemática das brincadeiras populares e hoje representa um ícone importante nas representações culturais do povo alagoano.

A indumentária do grupo, semelhante à do Reisado, compreende calções de cetim, guarda-peitos enfeitados de areia brilhante e espelhos e meiões brancos de algodão. O mestre traz chapéus em forma de igreja, ricamente decorados com contas, fitas, espelhos e areia brilhante. Antigamente, as contas usadas eram de aljofre. Hoje, são bolinhas de árvore de natal ou de plástico. O espelho nos chapéus serve

para afugentar os maus espíritos.

Com as naturais mudanças sócio-econômicas, falta a esses grupos, nos dias de hoje, o suporte social que os mantinha na origem. Apesar disso, conseguem se manter, atuantes e festejados, espalhados por todo o Estado, preservando esse traço marcante e fiel da formação cultural do povo alagoano.

Os figurantes do Guerreiro são o Mestre, a Rainha, o índio Peri e seus vassalos, embaixadores, general, mateus, palhaços, lira, caboclinho da lira, estrela de ouro, banda da lua, estrela republicana, borboleta, sereia e outros. O Mestre comanda a brincadeira de espada em punho. Sua postura garbosa revela o orgulho que o posto lhe causa.



Chapéu de Mestre de Guerreiro

Mestre Eduardo

Mestre Eduardo

Convento Franciscano de Santa Maria dos Anjos



Das seculares igrejas de Penedo, o conjunto franciscano, sob a devoção de Santa Maria dos Anjos, é o cartão postal da cidade. Sua arquitetura de traçado horizontal se reporta aos séculos XVII e XVIII, época em que o estilo barroco alcançou o seu apogeu na Colônia. Foi o primeiro monumento tombado pelo IPHAN, em Alagoas, no ano de 1941.

O frontão da igreja se destaca pela originalidade, graças à comunhão de elementos eruditos e populares que surpreendem pela harmonia e elegância do conjunto. No alto, um escudo guarnecido por dois anjos contém em seu campo a

inscrição: Santa Maria dos Anjos. No vértice, uma cruz latina, em pedra, sobre a coroa de Nossa Senhora.

Na altura do coro há três janelas de guilhotina com trabalhos em cantaria acompanhando a mesma linha ornamental do frontão. Sobre essas janelas uma particularidade: rostos de anjos esculpidos com feições caboclas e farto cocar em lugar da tradicional auréola.

A igreja abre-se ao seu interior por três portas almofadadas. O teto da nave, abobadado, ostenta uma pintura ilusionista, de Libório Lazdro Lial Afes,

datada de 1784. Sobre o piso, Ernani Mero fala com a propriedade de quem teve acesso aos documentos franciscanos: "o assoalho original foi substituído, em 1912, pelo mosaico."

No centro, em continuação à nave, o arco cruzeiro traz no topo o escudo da ordem franciscana e completando o cenário introdutório à capela-mor, os dois altares colaterais, com Nossa Senhora da Conceição de um lado e do outro Santo Antônio.

Com uma profusão de talha dourada, a capela principal ostenta uma riqueza de elementos ornamentais que se multiplicam em volutas, colunas, anjos e elementos fitomorfos próprios do apogeu do barroco, no século XVIII. O retábulo perdeu o trono eucarístico original, que foi substituído, em 1919, pelo conjunto do calvário com imagens do Crucificado, Nossa Senhora e São João Evangelista todas em tamanho natural. Ainda São Francisco de Assis, Senhora Maria dos Anjos, São Bernardino de Sena e São José completam o conjunto de imagens do retábulo.

A capela da ordem terceira, guarnecida pela mais imponente grade de jacarandá da arte sacra alagoana, obedece à mesma gramática decorativa da igreja.

Supõe-se que no convento tenha funcionado uma oficina de santeiros, como era costume no século XVIII, mas não se tem nenhum documento que comprove essa informação, nem dados que identifiquem o local onde ela fora instalada. O fato concreto é que Penedo tem uma tradição de mestres santeiros, identificados a partir dos irmãos Phídias:

Dioclécio e Júlio, seguidos por Cesário Procópio dos Mártires, Antônio Pedro dos Santos e Claudeonor Teixeira Higino, em uma seqüência de talentos, todos fiéis à imaginária católica.

A ala conventual estende o monumento em linha horizontal com suas janelas pequenas e seqüenciadas. Na frente vê-se a chaminé, elemento que raramente aparece na área nobre de um conjunto franciscano. Na portaria de acesso ao interior do convento existe um altar de estilo Dom João V, com decoração engenhosa, envolvendo figuras antropomorfas que retratam de forma bem definida a etnia branca e a indígena, sendo encimado, em seu coroamento, por um sol radioso de fisionomia humana que lembra um caboclo. O altar é em devoção à Nossa Senhora dos Humildes.

Na antiga sacristia, os frades montaram um museu que se estende para o pavimento superior e que reúne imagens, mobiliário do século XVIII, quadros, alfaia e um lavabo em pedra, tendo na base representação da água bicéfala, símbolo mais nobre da heráldica.

Corre a estória, em Penedo, de que existe um subterrâneo ligando o Convento ao porto do rochedo, que serviria para a fuga dos frades em momento de uma possível perseguição por parte de povos invasores. É na oralidade, e no ouvir dizer, que a lenda do subterrâneo se eterniza, passando de geração a geração, permanecendo no imaginário coletivo penedense.

Museu Paço Imperial



Sobrado do século XVIII, nele residiu a família Lemos, a mesma responsável pela edificação da Igreja da Corrente. Em 1859, serviu de hospedaria ao imperador Pedro II, em viagem com destino à Cachoeira de Paulo Afonso, na Bahia. Nessa ocasião, o monarca, apreciando a beleza da paisagem ribeirinha, registrou em seu diário de viagem: "o local é muito bonito e creio que devera estar aqui a capital da Província". A partir de então, o prédio passou a ser

conhecido por Paço Imperial e integrou-se ao patrimônio histórico e artístico nacional, como referência da memória cultural brasileira.

Hoje, o sobrado é sede do Museu do Paço Imperial e do Memorial Raimundo Marinho, instituições que pertencem à Fundação Educacional do Baixo São Francisco.

No andar superior do prédio funciona o museu que expõe peças dos séculos XVIII e XIX, época do apogeu econômico e social da cidade. A contribuição de famílias penedenses foi fundamental para a formação desse acervo. O visitante, percorrendo o circuito, pode perceber o requinte do povo da cidade, através das peças de mobiliário, das esculturas de arte sacra, dos objetos decorativos e dos serviços de jantar vindos de Limoges e de Sèvres, na França. A formação do acervo foi direcionada para a recomposição de época da sociedade penedense e para destacar a importância do próprio sobrado enquanto exemplar da memória histórica de Penedo, da região e do Estado.

O registro da passagem de Pedro II por Penedo é apresentado ao visitante através da presença de objetos do período imperial. Lá podem ser encontrados porcelanas e cristais com a insígnia do Império, condecorações, pinturas a óleo, gravuras e fotografias da família imperial. O relógio usado no mesmo sobrado durante a visita de Pedro II está em exposição no museu, como também as peças do Barão de Penedo e de outras personalidades do Império Brasileiro.

O prédio abriga o Memorial Raimundo Marinho, que preserva a história de seu patrono e da cidade num corte temporal compreendendo as décadas de 60, 70 e 80 do século passado, quando Penedo, na administração do patrono do Memorial, teve seu campus arquitetônico valorizado..



Interior do Museu



Vista do São Francisco



Interior do Museu

Teatro Sete de Setembro



Monumento neoclássico traçado pelo arquiteto italiano Luiz Lucariny foi construído a pedido de sua mantenedora, a Imperial Sociedade Filarmônica, com o objetivo de incentivar, na cidade, o gosto pela arte cênica. É o primeiro teatro de Alagoas e foi criado em 16 de agosto de 1865. Sua inauguração aconteceu em 7 de setembro de 1884, com a exibição da peça O Violino do Diabo. O teatro conheceu dias de glória, quando companhias dos maiores centros do país enchiam de arte e de alegria suas noites, até o dia em que o cinema lhe arrebatou o público e o prédio.

Seu frontão é triangular e tem na fachada quatro estátuas de louça portuguesa, representando as deusas da música, da poesia, da pintura e da dança. O interior é completo, com camarotes, frisas, galerias e salão de público. O palco, de excelente acústica, tem a forma de ferradura.



No transcurso de sua história, a Imperial Sociedade Filarmônica prestou relevantes serviços à comunidade e contribuiu com o desenvolvimento cultural de Penedo. Por ocasião de uma epidemia no Rio de Janeiro a Sociedade Filarmônica fez um trabalho de solidariedade, enviando donativos para os necessitados. Por essa razão, Dom Pedro II lhe concedeu o título de Imperial, em portaria de 30 de outubro de 1877, aqui transcrita: "Sua Majestade, o Imperador há por bem conceder o uso do título de Imperial à Sociedade PHYL' HARMÔNICA SETE DE SETEMBRO, fundada na cidade do Penedo, Província das Alagoas: Palácio do Rio de Janeiro, em 30 de outubro de 1877." Antônio da Costa Pinto. Lisonjeada, a Imperial Sociedade Filarmônica ofereceu ao Imperador o diploma de sócio protetor.

Na época do apogeu da arte cinematográfica, o teatro passou a ser ocupado pelo Cinema Ideal, até a década de 60, mas, com a chegada do Cine São Francisco e do Cine Penedo, voltou à sua função original. Posteriormente o prédio foi usado para bailes promovidos pela Sociedade Filarmônica que já se afastara dos objetivos para os quais fora criada e estava funcionando como clube recreativo, promovendo, inclusive, bailes carnavalescos em seu salão nobre e no auditório, o que depredou o prédio em seu interior.

Festa de Bom Jesus dos Navegantes



Cortejo fluvial realizado em louvor ao protetor dos navegantes, que acontece no mês de janeiro, nas cidades ribeirinhas, entre elas Penedo, onde costuma ser uma festa exuberante. Acompanhando a imagem, que segue na balsa, em andor caprichosamente ornamentado com flores e bandeirolas, canoas, botes, lanchas, iates e todo tipo de embarcação seguem pelas águas do 'velho Chico', num belo espetáculo de

fé e participação popular. As imagens mais antigas que participam desse cortejo foram esculpidas pelos mestres penedenses Cesário Procópio dos Mártires e Antônio Pedro dos Santos.

A procissão sai à tarde, mas desde o amanhecer do dia, uma série de atividades esportivas, culturais e recreativas acontece como parte da festa, misturando o sagrado ao profano em uma grande

confraternização a céu aberto, onde os valores do catolicismo popular afloram em sua espontaneidade. Em outras localidades, a festa de Bom Jesus dos Navegantes acontece no mês de fevereiro, mas em todos os lugares onde acontece é uma programação cultural religiosa.

Além da missa e da procissão fluvial, acontecem na ocasião, bailes, apresentações de trios elétricos e corrida de canoa. Comidas típicas, como peixada e pituzada fazem parte do cardápio dos participantes. No filme *Navegantes*, de Pedro Rocha, de 2006, é mostrado que na véspera da celebração acontecem brincadeiras que incluem pessoas de todas as idades, a exemplo da corrida de jegue. À noite, a festa fica bastante animada com apresentação do pastoril com suas pastoras entoando jornadas e louvando o menino Deus.

Antigamente, a festa começava bem antes, ainda no mês de dezembro. Para isso, carros de bois chegavam com antecedência ao local, para a realização das novenas, conduzindo as famílias dos senhores de engenho, crianças e senhoras, cobertos por vistosos panos, dias antes do início das novenas. Sempre ao lado do carro, montado no seu cavalo bem arreado, vinha o chefe da família. As festas começavam, como até hoje, com o hasteamento da bandeira do Bom Jesus na frente da igreja, às cinco horas da manhã, ao som do estouro de girândolas de foguetes e de bandas de música. À noite era rezada a primeira novena, que era então repetida até o dia 31, noite de São Silvestre.

A Igreja da Santa Cruz, em bairro de igual nome, margeando o rio, tem como padroeiro o Bom Jesus, esculpido por Cesário Procópio, que fica lá exposto no altar principal à devoção dos fiéis, saindo dali apenas no dia da procissão.





Mapeamento Cultural

Cidades Históricas



Piranhas



PIRANHAS

O município de Piranhas possui uma área de 409 Km², 24.651 habitantes (IBGE, 2008) e está localizado a 291 km de Maceió. A ele se chega através da BR-316, BR-101, AL-220 e AL-225. Seu clima é tropical semi-árido e a sede municipal, em sua parte mais elevada, tem uma altitude de 88 metros acima do nível do mar. É um município predominantemente rural. Em 2000, segundo o IBGE, 18.667 dos seus habitantes viviam fora dos núcleos urbanos, espalhados nos sítios e fazendas criadoras de bovinos, ovinos e caprinos. Os limites de seu território são os municípios de Olho d'Água do Casado, Inhapi, São José da Tapera e Pão de Açúcar.

Surgida de um pequeno ancoradouro no Rio São Francisco, utilizado com regularidade desde meados do século XVIII, Piranhas se consolidou como núcleo urbano após a segunda metade do século XIX, notadamente com o advento da navegação a vapor em 1867 e a instalação da linha férrea em 1881. Sua localização marca o limite da navegabilidade do baixo curso do São Francisco, tendo sido uma área estratégica com suas margens preenchidas de colinas e rochedos, oferecendo maior controle e vigília sobre o grande rio, mais estreito e sinuoso neste trecho de seu curso. O imaginário piranhense comporta curiosas narrativas acerca da paisagem rochosa do lugar. O historiador Moreno Brandão, em seu *Vade-Mecum do Turista em Alagoas* (1937), destaca duas das formações rochosas de Piranhas: a Pedra do Sino e a Casa da Pedra. A primeira, afirma o autor, é “um rochedo de conformação pyramidal, que, em

resultado de qualquer pancada, resôa argentimamente, como um sino”, e a segunda, localizada nas cercanias do povoado de Entremontes, é uma rocha de cerca de trinta metros de extensão, e sobre a qual Moreno Brandão descreve a lenda do galo “inteiramente depennado que por ahi anda a bradar: Salvador! Salvador!”.

Quem chega a Piranhas toma contato com um cenário típico do semi-árido, cujo horizonte nos é aproximado pelas pequenas e sucessivas colinas que ocupam as duas margens do rio, cobertas pela característica vegetação de Caatinga Hiperxerófila. Entre essas colinas se estabeleceram lentamente o povoado de Entremontes e a sede municipal de Piranhas. Registros antigos dão conta que o lugar fora inicialmente conhecido por Tapera, no século XVIII, ainda antes de se constituir em uma povoação fixada ao lado do antigo ponto de embarque e desembarque. Com a intensificação do tráfego humano e de mercadorias descendo o rio, com a navegação a vapor até Penedo, ou partindo por linha férrea até Petrolândia (PE), Piranhas viveu sua fase áurea como grande entreposto comercial na área sertaneja entre o baixo São Francisco e a cachoeira de Paulo Afonso. O município tem em Entremontes seu mais antigo núcleo urbano, onde o imperador Dom Pedro II se hospedou em 1859. Esta povoação é ainda referenciada como a primeira localidade brasileira a alforriar todos os seus escravos.

A construção da estrada de ferro da Great Western Brazil Railway foi um acontecimento decisivo para a

urbanização do então pequeníssimo povoado de Piranhas, para onde também acorreram os vitimados das grandes secas do final do século XIX na região. Dado o progresso comercial do período, o povoado tornou-se Freguesia em 1885, foi elevado à categoria de Vila em 1887 e de Comarca em 1910, sendo erigido à condição de cidade em 1930. Em 1939, contudo, recebeu o nome de Marechal Floriano, voltando à sua antiga denominação dez anos depois. Sua economia circulava em torno da cultura do algodão e do couro, através da lavoura desta planta bem adaptada ao solo e clima da região e de seus currais de bovinos e caprinos.

No entanto, com o fim da navegação regular a vapor até Penedo e a decadência do ciclo algodoeiro na região teve início uma fase de estagnação do município, o que se agravou enormemente com a desativação da via férrea em 1964. Esta fase somente foi rompida com a construção da moderna usina hidroelétrica de Xingó, na década de 1980, e que ocasionou um novo ciclo de crescimento da cidade, gerando um aumento expressivo do perímetro urbano e de sua população residente.

Os piranhenses têm muito orgulho dos fatos da história de que tomaram parte, como a visita do imperador Dom Pedro II, ou a batalha travada por seus habitantes contra cangaceiros invasores, em 1936 e, ainda, da movimentação que culminou com a morte de Lampião seguida da exibição das cabeças dos cangaceiros na cidade em 1938.

As características socioculturais de Piranhas revelam

um povo imaginativo e contemplativo ante a beleza natural do lugar ou a história repleta de narrativas, ora heróicas ora fantásticas. A começar pela lenda fundadora da denominação “Piranhas”, a conhecida e repetida estória da perda do cutelo, onde, sentido a falta dessa ferramenta um pescador encaminha seu filho à busca do mesmo, lá onde tratou seu pescado antes de regressar para casa: no porto da piranha.

As advinhas, as quadrinhas, os apólogos e a “poesia do ABC” são características marcantes dos piranhenses, bem como o gosto por folguedos como o reisado, o pastoril e as baianas. A música dos ternos de zabumbas (os já citados “esquenta-muié”), o Carnaval dos tradicionalíssimos blocos rivais Borboletas e Trovadores e a singularidade do bloco das Chaleirinhas, são outras atrações do município.

Uma particularidade cultural de Piranhas é o imenso talento de sua gente demonstrado em vários ofícios e modos de fazer tradicionais. A pesca de covão do camarão e do pitu, o rico bordado rendendê, a vagonite, o ponto de cruz, o boa noite – este último se constituindo num bordado floral que se inspira na flor da região de mesmo nome - estão entre as maiores especificidades da cultura popular tradicional de Piranhas.

A culinária regional também expressa um modo próprio de preparar a buchada de carneiro ou de bode, e o visitante pode encontrar ali também o baião-de-dois, a carne de charque picadinho, a carne de sol com macaxeira, o bode assado ou guizado, o frango com quiabo, a pituzada, a moqueca de

surubim, a rabada. No que se refere às bebidas, observa-se a presença da cachaça com ervas. Há os doces de frutas em calda, o doce de batata doce e o peculiar doce de corôa-de-frade, tradicionalmente chamado de "tijolinho", e que é feito de um tipo de cacto abundante na região: a coroa de frade, derivando daí um de seus nomes.

Portanto, o turismo cultural encontra em Piranhas a expressão de tradições, de valores e costumes seculares do Vale do São Francisco. Não detendo o desenho e as características de urbanidade de outras localidades ribeirinhas, a exemplo de Penedo, o município se desenvolve entre seu imaginário referenciado no passado e as novas oportunidades da modernização.

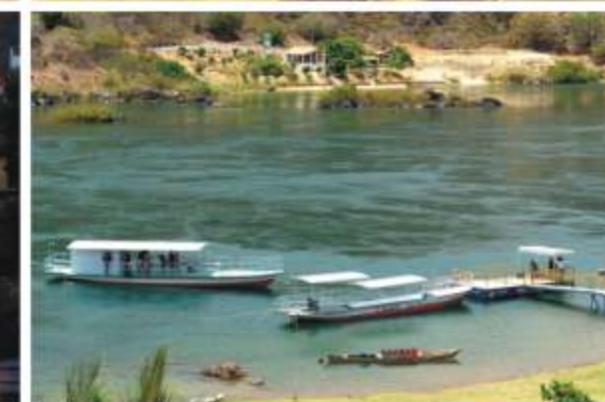
Após o advento da usina hidroelétrica de Xingó não apenas ocorreu o adensamento populacional da sede do município. Também sua economia demonstrou maior dinamismo e polivalência. A oferta de produtos locais populares, tanto de gêneros alimentícios quanto de utilitários do cotidiano, passou a estimular o desenvolvimento das pequenas iniciativas produtivas organizadas que encontram no circuito do turismo uma possibilidade de expansão dos usos sociais que se pode obter de tal empreendedorismo. Assim é que podemos encontrar na feira semanal de Piranhas vários gêneros da cultura material sertaneja, confeccionados em couro, madeira ou ferro, e ligados aos homens das fazendas e aos ribeirinhos pescadores.

O turismo cultural, de aventura ou o ecoturismo têm em Piranhas um ponto de referência crescente, dada a atratividade do seu magnífico entorno que possibilita desde a visita ao Museu Arqueológico de Xingó, do lado sergipano, até a realização de belos passeios no São Francisco e no lago formado pela barragem da usina, onde se pode apreciar o patrimônio pictórico rupestre que com o advento do lago só é alcançado no passeio aquático, e ainda a aventura da exploração da caatinga. Tudo isso amparado numa rede de pequenas pousadas e hotéis de diferentes categorias e padrões, instalados no município e adjacências.

A valorização turística de Piranhas tornou-se ainda mais constante após o processo de tombamento, com especial destaque à paisagem do Rio de São Francisco no município, a Vila de Entremontes e o Centro Histórico da sede municipal. Por ocasião da formalização da proposta de tombamento, seus proponentes enfatizaram a importância de suprir duas deficiências dos acervos patrimoniais do nosso país: a ocupação humana dos sertões e a sua modernização. Piranhas representa essas duas faces da vida brasileira.

ÍCONES DE PIRANHAS

Rio São Francisco



Denominado rio da unidade nacional, o São Francisco é um elo entre os vários municípios alagoanos, mesmo de alguns que não são banhados por ele. O rio teria sido “descoberto” por Américo Vespúcio em 4 de outubro de 1501, e, desde então, vários núcleos de povoamento foram sendo implantados e a colonização se expandindo em suas margens. O Uparapitinga ou Belo Opara, São Francisco ou dos Currais, Rio da Unidade Nacional ou carinhosamente o Velho Chico, é o principal curso fluvial do Estado e do Nordeste, banhando em seu percurso por Alagoas onze municípios.

Quem chega a Piranhas logo se surpreende com a bela paisagem de uma cidade plantada entre montes e a ribeira do São Francisco. O grande rio, fertilizando seu solo de história, de arte e de gente, permanece como marco de formação, com toda a bagagem de influências e de tradições que imprimem uma particularidade aos nascidos no lugar. Até meados do século XX, o vapor Comendador Peixoto apontava de longe anunciando as novidades que vinham de Penedo. Hoje, pequenas canoas circulam de um lado a outro, no vai-e-vem entre as margens, irmanando alagoanos a sergipanos. Sempre o homem presente. Canoeiros, pescadores e passageiras, humanizando a paisagem. Dos peixes que mais agradam ao paladar dos sertanejos, destaca-se o robalo, o surubim, a xira. Das piranhas, a notícia da ferocidade, sempre famintas, em cardume, com seus dentes afiados, muito impressionaram o Imperador Dom Pedro II quando de sua passagem por Piranhas, na viagem que

realizou pelo São Francisco em 1859. É célebre o desenho que o imperador fez de uma piranha, e que se encontra em exposição no Museu do Sertão, na cidade de mesmo nome.

Dentre as particularidades do rio, neste trecho, conta-se sua pouca largura entre as duas margens, mas não só: a predominância de pedras em seu leito, as colinas de ambas as margens que lhe conferem uma paisagem bastante diferenciada daquela de Penedo e de outras localidades, além de sua proximidade do início do grande cânion, um dos maiores do mundo e visível logo após o lago formado na usina hidroelétrica de Xingó. De fato, nesse trecho o São Francisco apresentava-se como um ponto importante para a passagem de tropas, de uma margem à outra, o que, muito provavelmente, foi decisivo para as incursões dos bandos de cangaceiros sertanejos circulantes entre os Estados do Nordeste brasileiro nas duas margens do rio.

Caudaloso no passado, o São Francisco está ameaçado na sua preservação, atingido pelo desmatamento, pela poluição e pelo desvio de seu curso natural. O grito de alerta em defesa do rio tem vindo de Piranhas. O município está engajado na luta nacional contra a transposição de suas águas, exigindo providências para a revitalização e um maior conhecimento e valorização de suas comunidades ribeirinhas. As políticas de valorização do patrimônio cultural do homem deste Vale é um importante aspecto a considerar quando pensamos na vida sanfranciscana.

Centro Histórico



O centro histórico localiza-se no plano mais baixo da cidade, sendo denominado também de “Piranhas Velha”, por contraste à expansão da área urbana do município nas terras altas, notadamente após a construção da barragem de Xingó na década de 1980, conhecida como “Piranhas Nova”. Caracterizado por residências térreas e alguns sobrados, o Centro Velho reúne os principais atrativos arquitetônicos, destacando-se a edificação da antiga estação ferroviária, onde funciona atualmente o Museu do Sertão – com especial destaque para objetos e documentos da história do cangaço. Seu traçado

urbanístico é linear, tendo a rua Dom Pedro II como principal via, e se desenvolveu de acordo com o relevo natural de suas colinas. Seu casario possui grande uniformidade de estilo vernacular e neoclássico, com alguns exemplares de feição moderno.

Devido ao impulso urbanístico ocorrido com a usina de Xingó situada em área um pouco afastada da velha Piranhas, cerca de 4 km, o Centro Histórico mantém-se como um cenário tranquilo e acolhedor aos visitantes, com suas pousadas e restaurantes, suas ruas silenciosas e acolhedoras situadas a poucos metros do Rio São Francisco, cujo azul das águas

destaca-se do colorido que caracteriza as fachadas das residências que o observam a partir dos diferentes planos dessa cidade que, por sua aparência, é também chamada de lapinha.

O conjunto arquitetônico que existe na sede do município justificou o tombamento da cidade pelo IPHAN, em 2005, embora aquele já se encontrasse maculado por irreversíveis descaracterizações. O sítio histórico é formado por alguns sobrados do final do século XVIII, mas o forte de sua arquitetura é o casario do século XIX, época em que Piranhas manteve intenso comércio com outros centros maiores. O aproveitamento da pedra na elevação dos alicerces é uma das características mais marcantes do centro urbano que se desenvolveu na beira do rio. Algumas construções adquirem formas pitorescas ao se ajustarem à topografia acidentada do terreno.

Ainda margeando o São Francisco estende-se o bairro de Piranhas Velha, começo do povoado e centro de pescadores. Ali se destaca, solta no arruado, a igreja em louvor a Santo Antônio. A construção tem a simplicidade das igrejas populares da região, com a particularidade de ter um frontão recortado, o que a faz um típico exemplar de interpretação ingênua do padrão barroco.

A estação ferroviária é o prédio mais expressivo do centro da cidade, constituindo-se num típico exemplar de arquitetura inglesa. Horizontal em sua estrutura física, compreende três corpos conjugados entre si, tendo, em cada extremidade, uma arcada na

mesma proporção das portas, encravadas em elegantes pórticos compostos por dois pilares que guarnecem uma barra horizontal, onde se lê o nome da estação: PIRANHAS. Encimando essa barra, um frontão de discreto recorte arremata o pórtico. Na frente, a elegante torre do relógio que marcava o horário da cidade, construída no mesmo estilo da estação, completa o conjunto arquitetônico com algumas casas típicas do século XIX. Da fachada posterior do prédio da estação descortina-se uma bela vista para o rio.

Esse prédio é atualmente ocupado pelo museu Marília Rodrigues com acervo de tipologia variada, recolhido na própria comunidade. A coleção de fotografias sobre o cangaço se constitui em fonte documental que pode elucidar algumas questões sobre o contexto social da época. O Museu preserva também objetos que pertenceram a tradicionais famílias da região e objetos ligados à cultura sertaneja.

Contracenando com a edificação da antiga estação ferroviária, outro ponto de referência é a igreja de Nossa Senhora da Saúde, ainda no centro histórico. Destacado no alto de um morro, o cemitério preserva a história da cidade com mausoléus seculares, alguns com trabalhos artísticos de inspiração neoclássica.

Mais antiga que Piranhas é a vila de Entremontes, situada também na beira do rio. Seus moradores dizem que o nome lhe foi dado pelo Imperador Dom Pedro II, quando, indo a Piranhas pelo rio São Francisco avistou o povoado e exclamou: " Que lindo,

entre montes!" Em Entremontes, a igreja de Nossa Senhora da Conceição, de tão grande, parece não caber dentro do povoado. Tem em seus altares, além da imagem da padroeira, as imagens do Senhor dos Passos, da Divina Pastora, de São Sebastião e do Menino Jesus de Praga. Edificada na parte alta da praça, dela se irradia a área urbana, cercada por um casario dos séculos XVIII e XIX e do pequeno centro comercial que atende aos poucos visitantes que vêm desbravar seus encantos paisagísticos e artesanais.

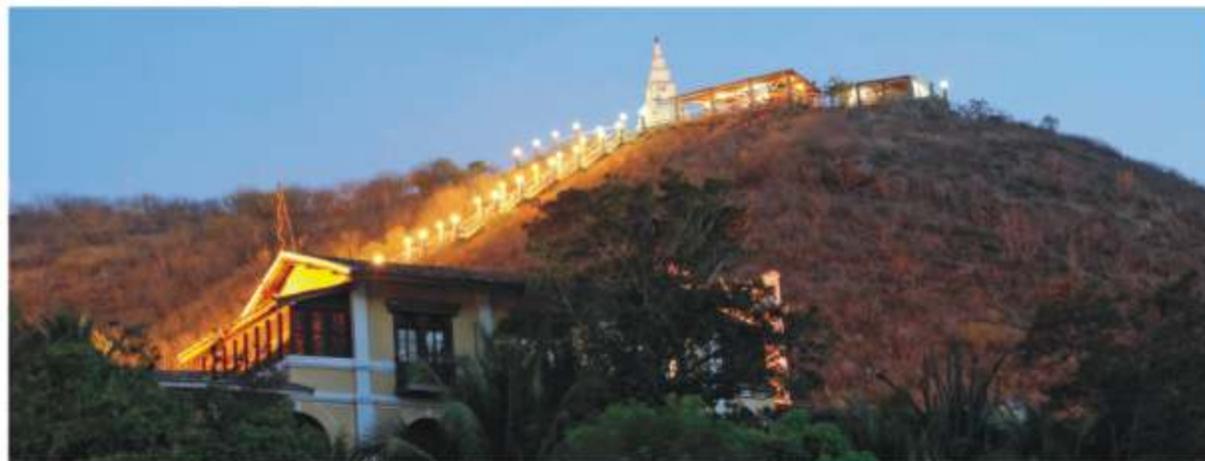
Configurada enquanto uma aldeia de pescadores, desde seu surgimento, Piranhas e seu entorno têm na confecção de rendas e bordados uma vocação entre as mulheres. O rendendê conjugado ao ponto de cruz tem hoje em Entremontes uma ocupação rentável, através da Cooperativa de Rendeiras, criada pelo programa nacional Artesanato Solidário, em 2000, um lugar que vale a pena visitar.

Sobrados do Séc. XIX, em Dia de Festa Religiosa



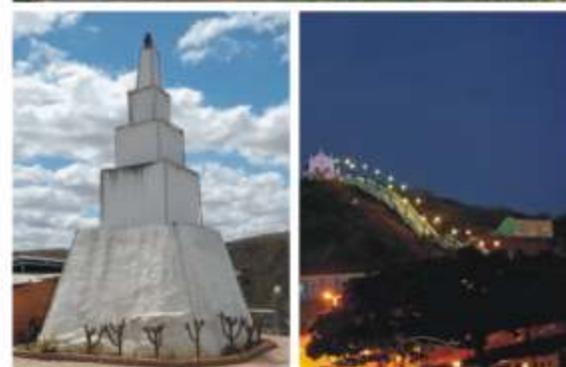
Estação Ferroviária - Séc. XIX

Mirante Secular

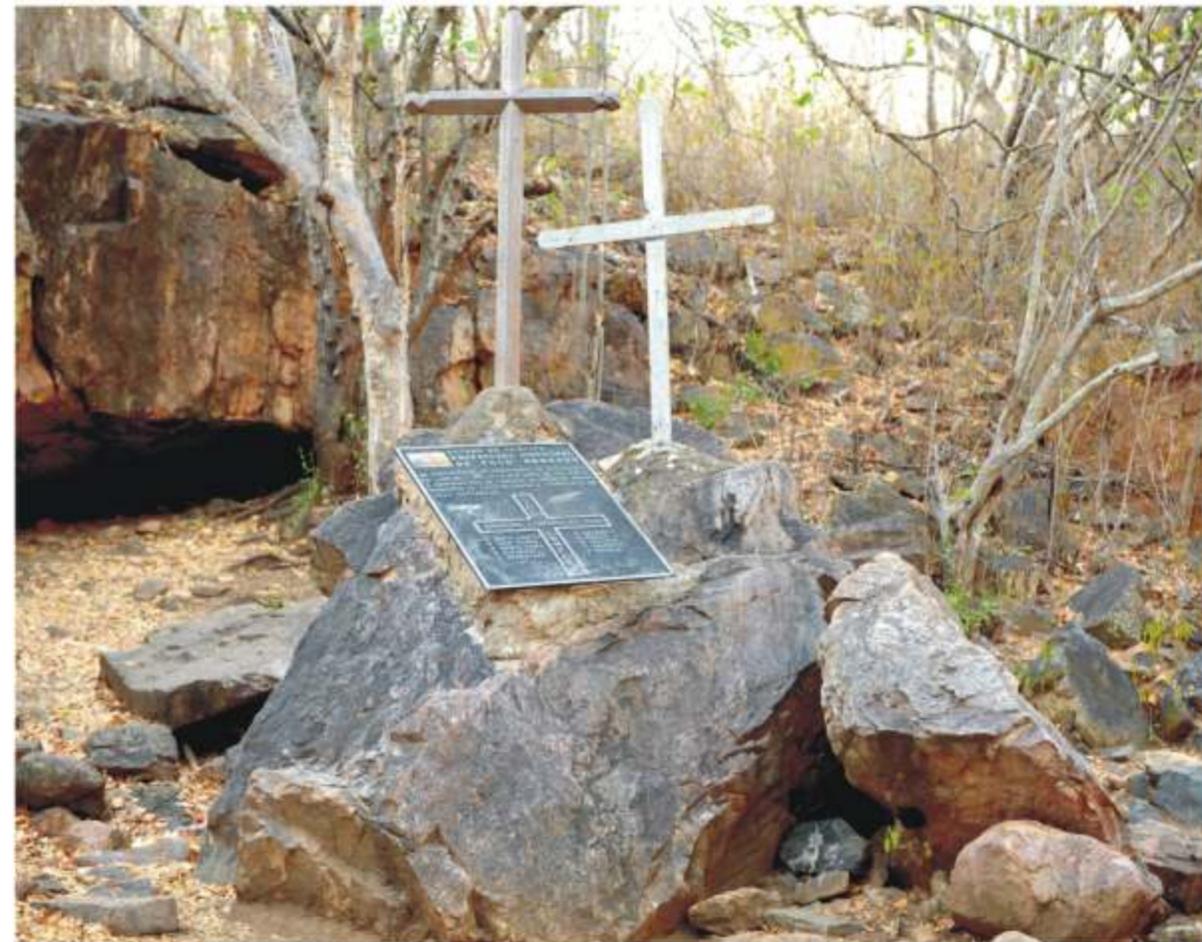


Construído no final do século XIX, o mirante onde também foi erigido um obelisco, foi uma homenagem dos piranhenses daquele século ao século vindouro. Do alto de uma colina - o morro do Senhor do Bonfim - o monumento, por sua localização, faz ressaltar certa vocação contemplativa da população de Piranhas ante a importância e a beleza que assume as águas do velho Chico no curso da cidade. A ideia da construção de um monumento que retivesse a memória do município mobilizou a população local que arrecadou fundos para a realização do empreendimento.

Recentemente, na virada do século XX para o atual, novamente um marco de época foi erguido, nesse caso pela própria Prefeitura que, na ocasião, restaurou o marco secular e levantou um pórtico na entrada da cidade em comemoração ao mesmo acontecimento.



Cangaço



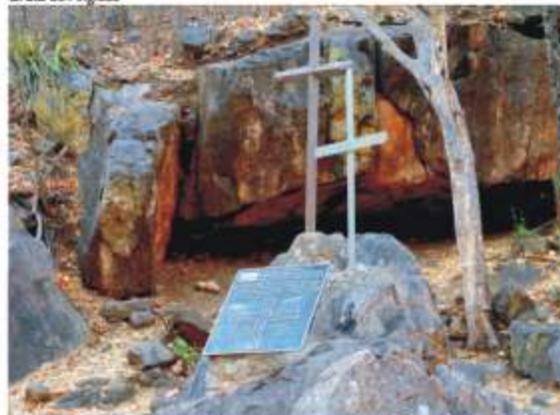
Gruta de Angicos

No início do século XX, mais precisamente na década de 30, Piranhas foi palco de sangrentos ataques de cangaceiros que espalhavam o terror por onde passavam. O mais temido deles foi Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, tido como o mais famoso e violento cangaceiro do Nordeste. Pernambucano,

nascido no final do século XIX, Lampião atacava propriedades, povoados e vilas de Alagoas, Sergipe, Pernambuco e Paraíba. Tinha como companheira Maria Bonita, que o acompanhou até a morte.

No ano de 1936 aconteceu um episódio importante envolvendo cangaceiros do bando de Lampião e

Gruta de Angicos



Acervo Museu de Piranhas



Vegetação de Caatinga

habitantes da cidade de Piranhas. A volante do tenente José Bezerra atacou um grupo de cangaceiros que estava na Fazenda Picos. Naquela ocasião, os soldados atingiram e levaram a mulher de Gato – um dos cangaceiros do grupo. Gato foi ao encontro do grupo de Courisco, também líder do cangaço, buscar reforço. Quando disse ao amigo que estava viúvo, este o aconselhou a ir com a mulher de Gato para Piranhas buscar a mulher do tenente para substituir Inacinha que eles pensavam estar morta.

Assim fizeram: os dois grupos entraram na cidade devastando e matando quem estivesse pela frente. Por sorte, o vaqueiro Emídio Anjo, da fazenda Picos, que conseguira fugir por pouco, já havia trazido a notícia para o comerciante Francisco Rodrigues Pereira, homem de posses e poder, conhecido pelo nome de Coronel Chiquinho. Corajoso e acostumado a mirar um fuzil, o comerciante foi para casa, deu armas aos homens que lá estavam e se posicionou em uma das janelas.

Quando o grupo passou atirando e matando, de lá de cima do sobrado veio a resposta inesperada com uma saraivada de tiros, ocasião em que os cangaceiros Gato e Jacaré foram mortos junto a outros companheiros. Gato morreu, mas Inacinha ficou para contar a história. Ferida na fazenda Picos, os soldados a levaram para a cidade de Olho d'Água do Casado, onde foi tratada e, refeita, logo teve outro marido. A partir desse triste episódio, o cerco ao cangaço foi intensificado no sertão e em 23 de julho de 1938 foi montada uma emboscada em Piranhas que resultou

no extermínio de parte do bando de Lampião, por ação da volante comandada pelo Tenente João Bezerra. Trinta e cinco cangaceiros foram ali emboscados, sendo que vinte e quatro deles empreenderam fuga e onze foram mortos, entre os quais Lampião e Maria Bonita. O fato aconteceu na gruta de Angicos, no município de Poço Redondo, Estado de Sergipe, e próximo à margem do São Francisco. Várias fotografias sobre essa época pertencem ao acervo do Museu do Sertão que funciona na Estação Ferroviária. Para a comunidade ter certeza de que o bando havia sido de fato exterminado, as cabeças dos cangaceiros foram expostas em praça pública. Chegando a Maceió, passaram por um processo de embalsamento, percorreram o país, chegando até a cidade de São Paulo e permanecendo em exposição pública no Instituto Nina Rodrigues até 1969.

As histórias do Rei do Cangaço ainda hoje são lembradas pelos repentistas nordestinos. A mais conhecida delas é "A chegada de Lampião ao céu", poema com 32 estrofes do alagoano Rodolfo Coelho Cavalcante, do qual destacamos a estrofe 22, ou seja, o "Diálogo de Nossa Senhora com Lampião":

Vamos meu filho vamos,
sei que foste desordeiro.
Perdeste de Deus a fé
te fazendo cangaceiro,
mas já que tu viste a luz,
na presença de Jesus
será puro e verdadeiro.

Um dos passeios possíveis de serem feitos é a rota que relembra esse episódio sangrento. Para isso, o visitante tem que partir de Piranhas, em Alagoas e seguir até a Gruta de Angicos, em Sergipe. O passeio é feito através de barco, inicialmente, atravessando o rio de uma margem à outra e, depois, num percurso a pé, no meio da caatinga (palavra Tupi que significa "mata branca"), até a gruta. Chegando lá, há um marco que relembra o episódio – uma placa que narra o evento e o nome de todos os que foram mortos na emboscada.

Igreja Nossa Senhora da Saúde



A Virgem da Saúde teve sua devoção iniciada em Portugal, no século XVI, por ocasião de uma epidemia de peste bubônica que se alastrou por todo o país. No Brasil, a devoção se espalhou em todas as regiões, embora não seja das mais populares do Nordeste.

Durante os festejos em louvor à santa, a cidade se prepara e o sino replica chamando os devotos que chegam de todos os lugares, alguns em romaria e todos pedindo saúde e pagando promessas. O dia é de festa desde o amanhecer. Apresentações de grupos folclóricos, bandas regionais, leilões, comidas típicas. À tarde o cortejo sai percorrendo o centro da cidade com a imagem de Nossa Senhora sendo conduzida em charola decorada com muitas flores. O pároco acompanha, logo em seguida, ao lado do prefeito e demais autoridades. Os cânticos ecoam por entre as montanhas que circundam a cidade. Com o encerramento da procissão e a bênção do padre, começa a quermesse em frente à igreja e a animação se prolonga noite a dentro.

A torre da Igreja de Nossa Senhora da Saúde que para alguns especialistas é pretensamente neo gótica, se sobressai de qualquer ângulo por onde se olhe, afirmando a supremacia da fé católica, mantida desde os primeiros colonizadores. Pela sua localização, quando o sino da igreja toca, toda a cidade ouve. Em razão das diversas reformas que sofreu, o monumento tem as características de uma reconstrução do século XX, desprovido de erudição em sua arquitetura e nos elementos decorativos. Apesar disso, é o mais importante templo católico do município por abrigar a imagem original da padroeira, Nossa Senhora da Saúde, cuja festa acontece anualmente no dia 2 de fevereiro.

Não sendo notável por sua importância arquitetônica, a igreja inclui-se, entretanto, no rol das referências do patrimônio imaterial de Piranhas, enquanto local de encontro e de sociabilidade religiosa, advindo daí sua importância para os habitantes da cidade.



Artesanato - Rendendê de Entremontes



O forte do artesanato alagoano está nas mãos das mulheres. Piranhas não fugiu à regra. Em Entremontes, a natural vocação feminina, além dos afazeres domésticos, é a agulha e a linha. O rendendê, conjugado ao ponto de cruz, é hoje, no povoado, uma ocupação rentável, graças à Cooperativa de Rendeiras criada pelo programa nacional Artesanato Solidário, em 2000. Organizadas, as artesãs produzem, expõem seus trabalhos e elas mesmas comercializam os produtos para todo o país.

O aperfeiçoamento da técnica, respeitando o padrão da comunidade e a organização e capacitação das rendeiras como pequenas empresárias deram ao rendendê de Entremontes um requinte de qualidade ao produto e um fluxo comercial que já se faz sentir na melhoria das condições de vida no povoado.

Outra importância decorrente desse processo é o respeito com que as rendeiras são tratadas na comunidade. Elas são vistas como criadoras de um produto que agrega valor para o lugar. A partir dos

bordados, Entremontes passou a ser visitada por pessoas de lugares os mais variados atraídos pela delicada renda, que é vista com orgulho pelos filhos da Terra.

O que caracteriza o rendendê é o seu traçado geométrico. Utilizando-se de uma agulha, uma tesoura e um bastidor, a rendeira executa seu trabalho, contando, puxando e tecendo fios. Dizem as rendeiras que o segredo está em contar os fios bem certinho. Se perder um fio, não dá certo. Depois de prender o tecido no bastidor, os fios são contados 4 x 7, 4 x 6 ou 4 x 5, cortados e puxados no sentido do pano. Os que ficam são tecidos com a agulha para prendê-los. O quadro seguinte é todo aberto. O resultado é uma renda com motivos florais e barras simétricas, formadas por quadrados, losangos e triângulos, uns abertos e outros fechados, em alternância proposital para conseguir melhor efeito estético. O contorno em toda a peça é em ponto de perfilo, para o tecido não deformar depois de cortadas as sobras.

Por vezes, o rendendê é enriquecido com pequenos bordados em ponto de cruz que dão um colorido especial à peça. Alguns, de tão bem feitos, parecem pinturas com efeitos de cores em degradê. São muito comuns os panos de prato, os caminhos de mesa, os jogos americanos, os panos de bandeira e as toalhas de mesa feitos em rendendê. Hoje, o tecido preferido pelas mulheres de Entremontes para a execução das peças é o linho. Embora o produto fique mais caro, a procura é maior.

Assim, as mulheres de Entremontes se entretêm de suas casas para a Cooperativa, sede produtora e comercial, administrada por elas, que elegem periodicamente uma nova diretoria. Também na Cooperativa existe um museu que preserva a história do rendendê e de outras modalidades artesanais que fazem parte do cotidiano e da memória do povoado.

Associação das Rendeiras





Penedo

Piranhas



Mapeamento Cultural

Cidades Históricas



Rotas das Águas



Circuito dos Monumentos Históricos e Arquitetônicos



Marechal Deodoro:

- 1- Casa do Marechal Deodoro da Fonseca
- 2- Câmara Municipal
- 3- Museu de Arte Sacra
- 4- Paço Imperial
- 5- Convento do Carmo
- 6- Matriz de N. S. da Conceição
- 7- Complexo Franciscano de Santa Maria Madalena
- 8- Igreja de N. S. do Amparo
- 9- Igreja de N. S. do Bonfim
- 10- Igreja de N. S. do Ó
- 11- Igreja de N.S. do Rosário
- 12- Antiga Cadeia Pública



Penedo:

- 1- Fundação Casa do Penedo
- 2- Casa da Câmara e Aposentadoria
- 3- Teatro Sete de Setembro
- 4- Hotel São Francisco
- 5- Mercado Público Municipal
- 6- Associação Comercial
- 7- Museu do Paço Imperial
- 8- Cadeia Pública
- 9- Oratório
- 10- Prefeitura Municipal
- 11- Igreja de N.S. da Corrente
- 12- Igreja de São Gonçalo Garcia dos Homens Pardos
- 13- Complexo arquitetônico dos Franciscanos
- 14- Igreja e Convento N.S. dos anjos



Piranhas:

- 1- Museu do Sertão
- 2- Casarão Colonial do Centro Histórico
- 3- Antiga Estação Ferroviária
- 4- Mercado Público Municipal
- 5- Igreja da Saúde
- 6- Igreja de Santo Antônio
- 7- Mirante



Roteiros de Festa e Celebrações



Marechal Deodoro:

- 1- Festa do Senhor do Bonfim de Taperaguá (Janeiro)
- 2- Festa de Santa Luzia (Janeiro)
- 3- Carnaval
- 4- Semana Santa
- 5- Festejos Juninos (Junho)
- 6- Festa de N.S. da Boa Viagem (Novembro)
- 7- Festa de N.S. da Conceição (Novembro/Dezembro)
- 8- Festejos Natalinos (Dezembro)



Penedo:

- 1- Festa do Bom Jesus dos Navegantes (Janeiro)
- 2- Carnaval
- 3- Festa de N.S. do Rosário (Outubro)
- 4- Semana Santa
- 5- Festejos Juninos (Junho)
- 6- Gincana de Pesca de Penedo (Novembro)
- 7- Festejos Natalinos (Dezembro)



Piranhas:

- 1- Festa de N.S. da Saúde (Janeiro)
- 2- Festa do Bom Jesus dos Navegantes (Fevereiro)
- 3- Carnaval
- 4- Festejos Juninos (Junho)
- 5- Festejos Natalinos (Dezembro)





Roteiro Gastronômico



Marechal Deodoro:

- 1- Ova de Peixe
- 2- Peixada
- 3- Caranguejada
- 4- Maçunim Frito
- 5- Peixe Frito
- 6- Camarão ao Coco
- 7- Camarão ao Óleo
- 8- Camarão Crocante
- 9- Sururu ao Coco
- 10- Siri
- 11- Fritada de Siri
- 12- Cocadas
- 13- Doces



Penedo:

- 1- Pituzada
- 2- Baião-de-Dois
- 3- Caranguejada
- 4- Pilornbeta
- 5- Tilápia
- 6- Farinha "de Pimba"
- 7- Carne-de-Sol
- 8- Jacaré ao Dendê
- 9- Peixada de Surubim



Piranhas:

- 1- Pituzada
- 2- Peixada
- 3- Moqueca de Peixe
- 4- Rabada
- 5- Bode Assado
- 6- Bode Guizado
- 7- Frango com Quiabo
- 8- Buchada de Carneiro
- 9- Buchada de Bode
- 10- Baião-de-Dois
- 11- Charque Picadinho
- 12- Carne-de-Sol com Macaxeira



Passeios Lagunares, Marítimos e Fluviais



Marechal Deodoro:

- 1- Passeios de barco/canoa pelo Complexo Lagunar Mundaú-Manguaba
- 2- Passeios de Banana Boat na Barra Nova
- 3- Passeios barco na Praia do Francês
- 4- Mergulho



Penedo:

- 1- Passeios de barco no Rio São Francisco
- 2- Passeios de barco à Foz do São Francisco
- 3- Passeios à Várzea da Marituba



Piranhas:

- 1- Passeios de barco/catamarã no Rio São Francisco
- 2- Passeios de barco/catamarã no lago de Xingó e Canyon do São Francisco





Mapeamento Cultural

Cidades Históricas



Anexos



Cédula para escolha dos ícones culturais de Marechal Deodoro

Patrimônio Material:

- () Igreja Santa Rita – Povoador da Ilha de Santa Rita – Séc. XVIII;
- () Igreja N. S. Divina Pastora – Povoador da Messaguiera – Séc. XIX;
- () Leprosário – Ruínas – Povoador Francisco – Séc. XIX;
- () Igreja N. S. do Bonfim – Povoador de Taperaçu – Séc. XVIII;
- () Igreja N.S. Boa Viagem – Bairro do Barro Vermelho – Séc. XX;
- () Casa Tavares Bastos – sede da cáfila de pescadores 2-IV Bairro do Centro, Séc. XIX;
- () Casa de Rosalvo Ribeiro – Bairro do Centro Séc. XX;
- () Antigo Mercado de Pávia – Bairro do centro Séc. XIX;
- () Pilar de Atração – Centro Séc. XX;
- () Antigo Palácio Provincial – centro Séc. XVIII;
- () Casa de Estácio de Lima, Centro Séc. XIX;
- () Casa Natal de Marechal Deodoro, centro Séc. XVIII;
- () **Convento Franciscano (Igreja S.M. Madalena e Ordem Terceira à São Benedita) – Bairro do Centro Séc. XVIII;**
- () Igreja N. S. do Amparo – Centro Séc. XVIII;
- () Igreja N. S. do Rosário, centro Séc. XIX;
- () Núm. Eriande Lopes Durval, Centro Séc. XIX;
- () Convento Carmelita (Igreja N. S. do Carmo e ordem Primeira à N. S. do Ó) Bairro do Carmo, Séc. VIII;
- () Igreja Matriz à N. S. da Conceição, centro Séc. XVIII;
- () Marco Zero – Cruzeiro do Convento Franciscano.

Patrimônio Imaterial - Festividades

Janaria

- () Dia 01- Revelion (Queima de fogos de artifícios e Show Artístico)
- Local: Praia do Pernaíba e Sítio Histórico
- () De 01 à 06 – Festa do Senhor do Bonfim (Procissão e Folia de Reis)
- Local: Pátio da Igreja do Senhor do Bonfim – Bairro do Taperaçu
- () Festival de Verão (data móvel)
- Local: Todo o Município

Fevereiro

- () Baile de Máscaras (Data móvel)
- Local: Sítio Histórico
- () Carnaval (Data móvel)
- Local: Todo o Município



Cédula para escolha dos ícones culturais de Marechal Deodoro

Agosto

- () Dia 05 - Nascimento de Marechal Deodoro da Fonseca (Desfile Cívico)
- Local: Sítio Histórico
- () De 07 à 11 – Festa de Santa Clara (Procissão e Festa)
- Local: Conjunto José Dias
- () Dia 11 – Dia do Estudante
- () De 11 à 17 – Semana do Patrimônio Histórico - Semana Folclore
- () Dia 15 - Missa e Procissão de Nossa Senhora da Boa Morte
- Local: Igreja de N. S. do Carmo
- () Dia 16 à 17 - 2ª Cope Marechal em Movimento de Taperaçu
- () De 20 à 22 – Mostra de Cultura Popular
- Local: Sítio Histórico
- () Dia 22 – Dia Internacional do Fetiche
- () Dia 23 – Morte do Marechal Deodoro da Fonseca (Desfile Cívico) e Aniversário do Museu de Arte Santa

Local: Museu de Arte Santa

Local: Sítio Histórico

- () **Setembro**
- () Dia 07 - Independência do Brasil (Desfile Cívico) e Aniversário da Sociedade Filarmônica Santa Cecilia
- Local: Sítio Histórico
- () De 23 à 27 – Festa de São Vicente de Paulo (Procissão e Festa)
- Local: Bairro do Taperaçu

Local: Bairro do Taperaçu

Outubro

- () De 09 à 10 - Festa de N. S. Aparecida (Procissão e Festa)
- Local: Povoador de Taperaçu
- () De 14 à 18 – Festa de N. S. “Mãe Rainha” (Procissão e Festa)
- Local: povoador de Messaguiera de Barro
- () De 14 à 18 – Festa de N. S. da Boa Viagem (Procissão e Festa)
- Local: Bairro do Barro Vermelho
- () Campeonato Deodoroense de Futebol Amador (Data Móvel)

Novembro

- () Baile Histórico (Data Móvel)
- Local: Museu de Arte Santa
- () Dia 15 – Proclamação da República (Desfile Cívico); Aniversário da Sociedade Carlos Gomes
- Local: Sítio Histórico



Cédula para escolha dos ícones culturais de Marechal Deodoro

Março

- () Dia 08 - Elevação de vila à cidade (Desfile Cívico)
- Local: Sítio Histórico
- () De 15 à 19 – Festa de São José (Procissão e Festa)
- Local: Bairro do Poeta
- () Semana Santa (Procissão do Encontro, Procissão do Senhor Morto, Tapete Ornamental e missas Solenes) (Data Móvel)
- Local: Sítio Histórico

Abril

- () Dia 12 – Alagoas do Sul a condição de vila
- Local: Sítio Histórico
- () De 23 à 29 – Festa de N. S. Divina Pastora (Procissão e Festa)
- Local: Messaguiera

Maior

- () Dia 01 – Dia do Trabalhador e São José Operário (Missa)
- Local: Sítio Histórico e Bairro do Poeta
- () Dia 13 – Festa da Santa Cruz (Missa e Procissão)
- Local: Bairro do Poeta
- () De 18 à 22 – Festa de Santa Rita de Cássia (Procissão e Festa)
- Local: Povoador do Ipa de Santa Rita

Junho

- () Segunda Quinta-feira – Procissão do Corpus Christi (Procissão e Tapete Ornamental)
- Local: Sítio Histórico
- () De 09 à 13 – Festa de Santo Antônio (Procissão e Festa)
- Local: Povoador Calveiras
- () Dia 22 – Festa do Sagrado Coração de Jesus (Missa)
- Local: Igreja Matriz – Sítio Histórico
- () De 20 à 24 – Festa de São João (Procissão e Festa)
- Local: Povoador Pedras, Malhada e Barro Nova
- () De 26 à 29 – Festa de São Pedro (Procissão Marítima e Festa)
- Local: Sítio Histórico, Povoador das Malhadas, Barro Nova, Mangueiras e Franale

Julho

- () Dia 15 – Festa de N. S. do Carmo (Procissão e Festa)
- Local: Bairro do Carmo
- () De 23 à 26 – Festa de N. S. Sant’Ana (Procissão e Festa)
- Local: Povoador Muzuri e Porto Grande



Cédula para escolha dos ícones culturais de Marechal Deodoro

- () Festival Litero-musical – CELET (Data Móvel)
- Local: Bairro de Pedra
- () De 19 à 21 - - Festa de Santa Rita das Imposíveis (Procissão e Festa)
- Local: Povoador do Rio do Velho
- () Dia 22 – Dia do Música (Retreta e Desfile das Filarmônicas)
- Local: Sítio Histórico
- () Dia 27 – Início das Festividades da Padroeira
- Local: Sítio Histórico

Dezembro

- () Dia 06 – Festa de N. S. da Conceição (Procissão e Festa)
- Local: Sítio Histórico
- () De 09 à 13 – Festa de Santa Luzia (Procissão e Festa)
- Local: Povoador de Barro Nova e Taperaçu
- () De 20 à 26 – Festa de N. S. da Conceição (Procissão e Festa)
- Local: Povoador de Messaguiera
- () Dia 24 – Missa de Natal (Missa Geral)
- Local: Pilar de atração – Sítio Histórico

Patrimônio Imaterial – Elementos terra, madeira, fibra e fio:

- () **Rabeca do Lutier Nelson da Rabeca (mestre no saber) – Madeira**
- () **Bico singeleza;**
- () Renda de filar;
- () **Renda de FIM;**
- () Renda de Richelieu;
- () Labirinto;
- () Berrido de ponto de cruz;
- () Berrido de chato;
- () Artesanato de fita de baxanema;
- () Artesanato de paño e casa de coco;
- () Têxtil de Madeira;
- () Escultura de Santos;
- () Tapado e Costaria de Têxtil, Têxtil, Cipó, Têxtil e Urucari;
- () Mosaico;



Cédula para escolha dos ícones culturais de Marechal Deodoro

Patrimônio Imaterial - Iguares Gastronômicas:

- Polo Gastronômico;
- Boloito afro-indígena: Ginja.

Patrimônio Imaterial - Folclore:

- Bô de Carnaval;
- Guernião;
- Festeril;
- Balano de Terceira Idade;
- Coco de Roda;
- Bonecos Gigantes;
- Banda de "Esquento Muiô" – Banda de Pífano;
- Maculelê;
- Sertão de Matute;
- Capôis;
- Burretes meu Jô;
- Burretes de Carnaval.



Cédula para escolha dos ícones culturais de Penedo

- Igreja de N. S. do Rosário dos Pretos
- Casa de Aposentadoria
- Casa Barão do Penedo
- Oratório da finta
- Paço Imperial
- Teatro Seta de Setembro
- Residência do Sr Antônio Ramos
- 9ª Coordenadoria de Ensino do Estado
- Chafé dos Lavradores
- Emissora Rio São Francisco
- Antiga Maçonaria
- Tiro de Guerra n. 181
- Cúria Diocesana
- Imóvel do Sr. Pedro Soares CD Maria
- Palácio Episcopal
- Pousada familiar Sra. Maria Faria Brás
- Círculo Operário
- Imóvel da Sra. Irma Passoto
- Residência da Sra. Martene Ribeiro
- Igreja de Nossa Senhora da Penha
- Sociedade Monte Pio dos Artistas
- Santa Casa de Misericórdia
- Casa do Penedo
- Colégio Imaculada Conceição
- Clube de Pesca
- SEMRAE
- Cartório 2º Ofício
- Pousada Imperial
- Mercado Público Municipal
- Pavilhão Municipal



Cédula para escolha dos ícones culturais de Penedo

Saiba / Centro de Convenções:

- Associação Comercial
- Hotel São Francisco
- Colégio Diocesano
- Restaurante o Portal
- CAIC

Manifestações Culturais:

- Grupo de Capoeira Molejo
- Banda de Pífano N. Senhora da Conceição
- Capoeira Pura Gíngã
- Grupo de Capoeira Arjos do Sol
- Banda de Pífano São Francisco
- Banda de Pífano São José
- Guerreiro Trem Terra - Mestre Eduardo
- Capoeira Raízes de Penedo
- Banda de Pífano Santo Antônio
- Batucada Unidos do Bairro
- Pastoril da Melhor Idade, Alegria de Viver
- Pastoril Sagrado Coração de Jesus
- Tódô e seus Bonecos
- Cia. Penedense de Teatro
- Cia Dell'Arte
- Cia Povo a Povo
- Núcleo Teatral de Pesquisa
- Chagança Municipal de Penedo
- Festa do Bom Jesus dos Navegantes

Monumentos Tombados:

- Igreja de São Gonçalo Garcia
- Igreja Nossa Senhora da Corrente
- Convento Franciscano
- Catedral Diocesana de N. S. do Rosário



Cédula para escolha dos ícones culturais de Piranhas

CENTRO HISTÓRICO – casario dos séculos XVIII e XIX com arquitetura em estilo colonial inglês e português, tombado como Patrimônio Histórico da União;

RIO SÃO FRANCISCO – na cidade de Piranhas o rio São Francisco possui um cenário todo especial com tons em verde que contrastam com as serras e com a caatinga, além de trechos com várias formações rochosas que formam um cenário somente encontrado em Piranhas.

POVOADO DE ENTREMONTES – artesanato em rendado e ponto de cruz com qualidade excepcional. O povoado também possui um belo casarão colonial tombado como Patrimônio Histórico da União contendo com prédios importantes para a história local, o exemplo da casa que hospedou D. Pedro II em 1859. Além do artesanato o povoado explora economicamente a pesca do camarão pitu e outros tipos de peixados;

TRILHA ECOLÓGICA DA RIBEIRA DO CAPIÁ – passeio ecológico pelo Rio Capilé, neste local encontramos exemplares dos mais belos da vegetação de caatinga e formações rochosas em meio de uma beleza extraordinária;

IGREJAS DE NOSSA SENHORA DA SAÚDE E SANTO ANTÔNIO – a Igreja de Nossa Senhora da Saúde inaugurada em 1885 em estilo neoclássico é um dos mais belos templos católicos da região bem como a Igreja de Santo Antônio de Lisboa edificada por volta de 1820 está localizada na parte mais antiga da cidade, denominada de Piranhas de Baixo;

MUSEU DO SERTÃO – acervo criado em 1963 abriga peças à cultura e a história do município, está localizado no prédio da antiga estação ferroviária construído em 1879. No Museu do Sertão é possível visualizar fotos do famoso carangaceiro Lampião e seu bando em plena caatinga, vale ressaltar que Piranhas foi a primeira cidade a exibir as cabeças dos carangaceiros e registrar este acontecimento em fotografia.

TRILHA DA VIA FÉREA – trilha ecológica realizada entre montanhas com exuberante caatinga e vista panorâmica do Rio São Francisco.

MIRANTE SECULAR (1895) – construído pelos funcionários da EPRA para comemorar a paisagem do século XIX para o XX, o Mirante Secular está encravado no Alto da Gamelana e possui uma das mais belas vistas de Piranhas.

Mapeamento Cultural
Penedo, Piranhas e Marechal Deodoro



Cédula para escolha dos ícones culturais de Piranhas

() TRILHA DA PEDRA DO SINO – trilha ecológica em meio caatinga preservada e no final um amontoado de rochas graníticas de rara beleza que encanta a todos que visitam desde do século XIX (Engº Theodoro Sampaio em 1878 – um dos primeiros a visitá-la e registrar em livro).

() CANOA DE TOLDA "PIRANHAS" - símbolo maior da história da navegação do Baixo São Francisco, as canoas de tolda foram introduzidas no Velho Chico pelos holandeses no século XVII e permaneceram até segunda metade do século XIX como principal meio de transporte de cargas e pessoas. Atualmente apenas 03 exemplares existem no Mundo, entre eles a canoa de tolda "Piranhas" que navega às margens da cidade (Igreja de Alagoas).

() CANGAÇO – movimento social iniciado no século XVIII em Pernambuco que teve seu fim em 1938 com uma ação comandada pelo tenente João Bezerra, então delegado de Piranhas, que resultou na morte do Rei do Cangaço, Lampião. O cangaço na cidade de Piranhas é marcado pelo fim de Lampião e pela invasão a cidade dos cangaceiros Corisco e Gato em 1936. Hoje o Museu do Sertão abriga objetos, fotos e documentos do Cangaço.

() PALÁCIO D. PEDRO II – construído em 1890 tem estilo arquitetônico neoclássico e serviu por muito tempo como residência, depois colônia, intendência e finalmente prefeitura. Um dos momentos marcantes do Palácio D. Pedro II foi a execução nas suas escadarias em 1938 das cabeças de Lampião, Maria Benita e mais 9 cangaceiros, fato registrado em foto pelo jornalista Melquiades da Rocha.

() CENTRO DE CULTURA E ARTESANATO – está localizado na antiga oficina de ferro da EPPA – Estrada do Forno Paulo Afonso – construído em 1890, até hoje mantém a arquitetura original. Desde 2007 abriga o Centro de Cultura, Artes e Artesanato da região de Xingó;

() BLOCOS CARNAVALESÇOS "OS TROVADORES" E "AS BORBOLETAS" - tradicionais blocos carnavalescos da cidade de Piranhas que desde 1916 desfilam no domingo de Páscoa e nos 02 dias que se seguem. A apresentação pelas ruas da cidade possui elementos como rivalidade entre as agremiações, muito colorido e músicas de composição própria.

() BEM-QUERIDO "TALENTO RAMOS" – sturdo do distrito de Pau o Bem-querido "Talentos Ramos" é um dos mais requisitados para apresentações culturais em toda região.

Mapeamento Cultural
Penedo, Piranhas e Marechal Deodoro



Cédula para escolha dos ícones culturais de Piranhas

() PASTORIL – uma das mais tradicionais manifestações populares da cidade, geralmente se apresentam nas festividades realizadas no período natalino.

() BANDA DE PIFANOS – no município de Piranhas existem 03 bandas de pifanos que realizam as festas religiosas e eventos culturais.

() SAMBA DE COCO – manifestação popular tradicional do distrito de Entremontes distante cerca de 22 km da sede.

() RENDENDÉ DE ENTREMONTES – as rendeiras de Entremontes produzem belas peças em rendendé e ponto cruz desde o início do século XIX, mas somente no ano de 1999 se inicia o processo de aprimoramento do bordado sem perder a identidade do mesmo.

ALAGOAS - Brasil é bonito demais

Região das Lagoas e Mares do Sul

A Região das Lagoas e Mares do Sul reserva ao visitante, experiências inesquecíveis. Neste recorte geográfico a cidade histórica de Marechal Deodoro apresenta os atrativos histórico culturais que remetem principalmente a história da República. Mais do que isso, traz em seus ícones culturais, o cotidiano de um povo acolhedor e uma pequena mostra de arte que vão desde os fazeres manuais até a música popular da região.

- Visita guiada pelas ruas e casarios do município, a primeira capital do Estado, tombada pelo patrimônio histórico.
- Vivência com os artesãos de Marechal, Coruripe e Feliz Deserto no "Roteiro das Mãos que Fazem".
- Visita ao centro de artesanato da cidade para um tour de compras em lojas e ateliês das rendeiras.
- Visita ao museu (que foi a casa) do primeiro Presidente da República do Brasil, Marechal Deodoro.
- Visita ao museu de arte sacra no conjunto arquitetônico formado pelo convento e a igreja de Santa Maria Madalena.
- Visita à casa dos artistas musicais da cidade como Néelson da Rabeca e a banda de pifano "Esquenta Muié".

Além de todos os outros ícones de cultura que destacados ou não reservam uma viagem no tempo e na história deste lugar.

Região do São Francisco

A Região do São Francisco é surpreendente! Neste recorte geográfico as cidades de Penedo e Piranhas reservam experiências singulares do começo da povoação em nosso Estado. Artesanato, gastronomia, folclore, história e aventura se misturam em perfeita harmonia em cada canto dessas cidades.

Em Penedo:

- Visita ao centro histórico erguido às margens do Rio São Francisco, tombada pelo patrimônio histórico.
- Visita ao museu do Paço Imperial e da Fundação casa do Penedo.
- Visita a Igreja das Correntes e ao Teatro 7 de Setembro.

Em Piranhas:

- Visita ao centro histórico da cidade de Piranhas.
- Visita ao movimento social do Cangaço através do museu e das trilhas que contam fragmentos desta história do herói ou vilão que foi Virgulino Ferreira, vulgo Lampião e seu bando.
- Visita ao museu de arqueologia de Xingó – MAX
- Fazer a rota dos bordados nos povoados Entremontes (Piranhas) e Ilha do Ferro (Pão de Açúcar).

Além de todos os outros ícones de cultura que destacados ou não reservam uma viagem no tempo e na história deste lugar.

Para saber mais, consulte seu agente de viagens
ou acesse www.turismoalagoas.al.gov.br - marketing@turismoalagoas.al.gov.br